

João Paulo Tadeu Dias

RECORTES FILOSÓFICOS



EDITORA INOVAR

RECORTES FILOSÓFICOS

JOÃO PAULO TADEU DIAS

RECORTES FILOSÓFICOS

Copyright © do autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

João Paulo Tadeu Dias.

Recordes filosóficos. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 101p.

ISBN: 978-65-80476-29-9.

1. Filosofia. 2. Educação. 3. Pensamentos filosóficos. 4. Estudos. 5. Autor. I. Título.

CDD-370

Os conteúdos dos capítulos são de responsabilidades do autor.

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil);
Katyuscia Oshiro (RHEMA Educação/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil);
Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (UnB/Brasil)

Editora Inovar

www.editorainovar.com.br

79002-401 - Campo Grande – MS

2019

Dedico este livro aos amigos, Claudir Elias dos Santos, Joaquim Gonçalves de Pádua, Jaime Duarte Filho, Ezequiel Lopes do Carmo, que me apoiaram, corrigiram e orientaram ao longo dessa existência.

PREFÁCIO

Recorte é a multiplicação livre e espontânea de meditações sobre assuntos ou matérias pré-existentes, pré-estabelecidas ou pré-formadas própria do gênero literário ensaio. Este trabalha com múltiplas aproximações fragmentadas relativas a introspecção, meditação e autoconhecimento.

A filosofia vem de encontro com a temática do pensamento dividido em fragmentos (recortado) e nos remete aos escritos e diálogos escritos por Platão ao empregar o célebre aforismo conhecido no dito do personagem Sócrates (encontrada por ele no pátio do templo do deus Apolo, em Delfos): “conhece a ti mesmo”. O conhece a ti mesmo toma forma, toma corpo e nos remete a reflexão que ocorre no íntimo de cada pessoa, o pensar com grande concentração de corpo e alma, bem como, ao conhecimento de si mesmo, suas características, desejos, aspirações, inclinações, sentimentos e dúvidas.

“Se você não tem dúvidas é porque está mal informado”. (MILLÔR FERNANDES, 1923-2012)

Como é importante a dúvida e faz parte da vida.

Sumário

Páginas

1. Dedicatória.....	I
2. Prefácio.....	II
3. Sumário.....	III
4. Objetivo central da obra.....	9
5. Sofrimentos inverossímeis.....	10
6. Prosperidade.....	13
7. Diversidade de ideias.....	15
8. Por que você não se casou.....	16
9. Evolução.....	19
10. Gentileza gera gentileza.....	19
11. Tudo que te agrada.....	21
12. Palavra – Meu.....	23
13. Filosofia.....	24
14. Aniversário.....	25
15. Só.....	28
16. Tristeza.....	32
17. El sable del destino.....	34
18. Imperturbable.....	35
19. It makes me wonder.....	36
20. Paciência.....	37
21. Escritor.....	39
22. Pequenos momentos.....	40
23. When I put my mouth.....	41
24. Always had a fear of being typical.....	42
25. Religião e religiosidade.....	44
26. Teimoso.....	45
27. Indiferença.....	46
28. Infinite Soul of God.....	48
29. Duas coisas ao mesmo tempo.....	50
30. De galho em galho.....	52
31. Orientação.....	53
32. Felicidade.....	58
33. Prudência e razão.....	60
34. Pensamento positivo.....	62
35. Reconhecer o amor.....	65
36. Ignorância.....	66
37. As rivers.....	67
38. Alguém querido.....	68
39. Concentration, meditation and love.....	69
40. Gosto e esforço.....	70

41. Padrões.....	72
42. Clássicos.....	74
43. Descobridores.....	79
44. Mentir ou omitir.....	83
45. Boi em terra estranha.....	85
46. O que é meu e o que é seu.....	86
47. A ave de Minerva.....	88
48. Quem bate à porta do açougue.....	91
49. Excessos.....	93
50. Ditados latinos.....	94
51. Morrer.....	95
51. Meu Senhor e meu Deus.....	97
Tábua bibliográfica.....	99

OBJETIVO CENTRAL DA OBRA

O objetivo geral da obra é fazer recortes filosóficos em fatos existenciais, conceitos abstratos de maneira a colocar o leitor em uma condição de pensamento reflexivo e crítico-construtivo em prol de questões fundamentais do ser humano.

João Paulo T. Dias

SOFRIMENTOS INVEROSSÍMEIS!?

O escritor francês, Etienne de La Boétie (1530-1563) apresenta de maneira bem estruturada a temática no estudo do texto “Discurso da servidão voluntária”:

“É razoável amar a virtude, estimar as boas ações, sentir gratidão pelo bem que tenhamos recebido seja de onde for, e diminuir, muitas vezes, nosso próprio bem-estar para aumentar a honra e os benefícios daquele que amamos, e que é disso merecedor.” (LA BOÉTIE, p. 17-18, Discurso da servidão voluntária. Trad.: Gabriel Perissé. São Paulo: Editora Nós)

O estudo aprofundado e a reflexão do discurso nos colocam questionamentos e pensamentos profundos sobre o sofrimento ou não, se é legítimo ou ilegítimo, virtude ou vício, erro ou acerto, verdadeiro ou falso, tais relações de diminuição do nosso próprio bem-estar para aumentar os benefícios a outros seres humanos. Nessa fala surge algo que parece não ser verdade, difícil de acreditar, visto que, ao final a ação tende a nos trazer algum bem-estar e conforto por ver à satisfação e alegria do outro, a quem amamos, nos trazer sentimentos tão benignos ou salutares. O amor incondicional ao próximo pode ser uma dádiva, uma alegria. Doar-se e dedicar-se a uma causa maior, uma causa assistencial ou social, ou mesmo, a alguém necessitado e desprovido de cuidados pode ser extremamente benéfico. Exemplo clássico é um pai ou uma mãe (especialmente esta última) poder se sacrificar, sofrer e se privar de muitas coisas tidas como favoráveis e boas, como algumas formas de vida social e profissional mais ativa, em prol do bem-estar e satisfação dos filhos. É legítimo o sacrifício e a batalha de pessoas, especialmente de situação econômico-financeira, sociocultural e escolar menos favorecida em favor da melhora e prosperidade de outros entes amados. Uma mãe que levanta no meio da madrugada para preparar o café da manhã, acordar e arrumar os filhos para a escola, trabalhar o dia todo e no final da tarde ou mesmo à noite retornar à casa com vontade e disposição para organizar tudo e dar atenção aos filhos, é uma pessoa com força de vontade, coragem, dedicação e muito amor ao próximo. Inevitavelmente, o ato de amor ao próximo pode se tornar

inebriante e ocasionar êxtase como um vício. Portanto, o equilíbrio de pensamento e nas ações é autêntico e real. O mesmo La Boétie alerta sobre esse risco viciante e de seu limite:

“Ora, em todos os vícios existe inevitavelmente um limite, para além do qual ele próprio deixa de existir.” (p. 19)

E continua a advertir sobre algumas formas de vícios servis:

“Portanto, que vício monstruoso será esse, que não merece ser denominado covardia, para o qual não se encontra um nome desprezível o bastante, vício que a natureza nega ter criado e que a língua se recusa a nomear?” (p. 20)

Ou ainda, situações diversas e inesperadas podem acontecer para a conquista de um bem que desejam, tais como:

“Para o conquistarem o bem que desejam, os audaciosos não temem o perigo, e os prudentes não recusam enfrentar o sofrimento. Já os medrosos e aturdidos nem sabem suportar o mal, nem recuperar o bem, o qual se limitam a desejar vagamente. Embora a força de lutar pelo bem lhes seja roubada pela covardia, desejá-lo é algo que continua fazendo parte da natureza. Tal desejo e vontade, comum tanto aos sábios quanto aos insensatos, tanto aos corajosos quanto aos pusilânimes, dirige-se a todas as coisas que, uma vez conquistadas, dão às pessoas felicidade e contentamento. Resta dizer, porém, que somente o desejo por uma coisa (e isso eu não sei explicar) a natureza falhou em inculcar nos homens: o desejo pela liberdade, um bem tão grande e tão deleitável que, uma vez perdido, acarreta todos os males de enfiada. Os bens remanescentes após essa perda ficam inteiramente privados de seu gosto e sabor, já agora corrompidos pela servidão. Ao que parece, só há uma razão para que a liberdade seja o único bem que os homens não desejam. É que bastaria desejar-la para possuí-la, e os homens acabam recusando esse belo privilégio justamente por ser demasiado fácil conquistá-lo.” (p. 24)

A ideia é arrematada na seguinte reflexão sobre a razão e seu papel no discernimento do que pode se tornar virtude e vício:

“... há em nossa alma uma semente natural de razão que, conservada por bons conselhos e costumes, floresce em virtude, mas, em caso contrário,

pode perder-se, sufocada pelos vícios que lhe sobrevêm com frequência.” (p. 27-28)

Razão conservada e privilegiada pelo hábito adquirido educacionalmente, culturalmente e socialmente. O fragmento discorre sobre as relações e interferências naturais sobre o conhecimento, razão e recordações da alegria passada:

“Ninguém lamenta ter perdido o que jamais possuiu, e a tristeza só vem quando o prazer se foi. É sempre mediante o conhecimento do mal que recordamos a alegria passada. Pertence a natureza ser livre e querer sê-lo, mas é igualmente natural a essa natureza que ela se molde de acordo com aquilo de que se nutre.

Temos que admitir, portanto, que para o ser humano todas as coisas das quais se nutre e com as quais se habitua acabam por lhe parecer naturais. Por outro lado, porém, existem em nós coisas verdadeiramente inatas, provenientes de nossa natureza simples e inalterada. Concluimos, assim, que a servidão voluntária é antes de mais nada fruto de um hábito adquirido...” (p. 43-44)

Erro viciante? Servidão inverossímil? Enganosa servidão? Inautêntica servidão? Ou talvez, não servidão e, sim, verdadeira doação e entrega? O voluntariado servil em favor do bem-estar de outrem pode ser entendido e justificado. A liberdade de escolha e decisão pode tornar a luta diária em prol do convívio respeitoso e harmonioso mais tranquilo. Talvez, não seja sofrimento propriamente dito, mas, entrega, doação, respeito e amor verdadeiro ao próximo.

Tire suas conclusões, essa é a provocação!

PROSPERIDADE

O sucesso e a prosperidade, sobretudo material, tem sido uma constante procura, especialmente, no lado ocidental do globo. O sucesso e a prosperidade tornaram-se imperativos categóricos na contemporaneidade, deliberadamente nas diferentes unidades sociais. A visão de realidade vinculada ao sucesso, especialmente profissional, está ainda mais deliberada à sociedade moderna. Trata-se de uma visão de momento narcisista e realista de muitas pessoas, atribuindo valor de virtude ao pensamento próspero. O orgulho de si e de suas escolhas favoráveis e ou características intrínsecas positivas está intimamente imbricada na sociedade, que se esquece das vicissitudes da vida e, dos erros e defeitos do ser humano. Há certa naturalização da noção de “servidão voluntária” (como diria o escritor Etienne de La Boetie [1530-1563]) denotada no trabalho, na servidão laboral e intelectual e, conseqüentemente, na prosperidade e sucesso profissional. Uma tradição laboral arraigada, isonômica na sociedade e no inconsciente coletivo, socialmente consentida. Prova disso é a célebre frase, a muito consagrada pelo uso popular: “Estou me matando de trabalhar”.

Se a busca da felicidade está associada à ideia de prosperidade e sucesso futuro é interessante raciocinar sobre o que o pensador e filósofo romano, Sêneca (4 a.C-65 d.C.) já alertava:

“Todo espírito preocupado com o futuro é infeliz.”

A busca incessante pelo sucesso, prosperidade e a tão almejada felicidade passa por perseverança e resolução perante ameaças e problemas vindouros. Aquele que se preocupa demasiadamente com o futuro, com algo abstrato, que não aconteceu e que, pode nunca acontecer, está fadado ao nervosismo exacerbado, ansiedade, apreensão e medo. O escritor francês, Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) disserta sobre a perseverança e resolução:

“A lei da resolução e da perseverança não implica em que não devemos nos precaver, na medida das nossas forças, contra os males e inconvenientes que nos podem ameaçar, nem deixar de nos recear que nos surpreendam. Muito pelo contrário, todo meio honesto de evitar um mal é não somente lícito mas também louvável. A perseverança consiste em suportar com resignação os incômodos para os quais não temos remédio.” (MONTAIGNE, p. 31, Ensaaios. Trad.: Sérgio Millet. São Paulo: Editora Abril Cultural)

DIVERSIDADE DE IDEIAS

Há algum tempo atrás, recebi um dos mais diferentes e interessantes elogios que poderia ser dispensado a mim, professor, por uma de minhas alunas - disse ela, a mim e aos colegas de classe durante uma das aulas, algo assim:

“Professor, o senhor é muito louco, mas eu gosto da sua aula.” E emendou, tentando se explicar: “A gente nunca sabe o que o senhor vai fazer, o que vai acontecer. É sempre algo novo, diferente...”

Sem fazer muita deferência ao adjetivo correspondente à palavra “louco”, enfatizado pelo advérbio de intensidade “muito” – todavia, imagino que no linguajar dos mais jovens, se refira a algo positivo ou benéfico, visto que, é seguido pela conjunção coordenativa adversativa, “mas”, posteriormente, o pronome pessoal “eu” e, finalmente, pela conjugação do verbo gostar, perfazendo “muito louco, mas eu gosto da sua aula.”. A explicação da expectativa que ela e, por ventura, os demais colegas vivenciaram no encontro semanal de aulas diferentes, desafiadoras e instigantes é intrigante e, racionalmente interessante, não no que se refere ao professor, mas ao acontecimento ocorrido.

Fico envaidecido e extasiado por saber que os alunos têm certa tolerância com a diversidade de ideias e pensamentos, respondendo bem a algo diferente e inovador nas aulas. A tolerância, ética e moral, à diversidade de ideias é o primeiro passo para o diálogo, debate e reformulação de pensamentos ativos e críticos, ou melhor, crítico-constructivo, entre os seres humanos, especialmente, no ambiente escolar. Uma convivência harmoniosa e pacífica só pode prevalecer com apreço, consideração e deferência aos pensamentos/ideias diferentes e, muitas vezes, divergentes, mas, ainda assim, respeitosos e coerentes, seja no ambiente escolar, seja em casa com a família e amigos, seja na convivência em sociedade.

POR QUE VOCÊ NÃO SE CASOU?

Por que você não se casou? Uma pergunta recorrente e trivial na vida em sociedade. Minha tendência retórica é discorrer sobre pensamentos e devaneios dos mais variados, mas a verdade é que... vou tentar explicar de maneira mais simples. A explicação passa pela reflexão, mas seria porque sempre conheci e amei várias mulheres, em muitos lugares, em diferentes momentos, em diversas situações, de diversas maneiras, entretanto, elas não me amavam. Não me amavam a ponto de mudar sua vida e mudar a minha vida em prol do bem-comum, do companheirismo cotidiano e da convivência fraterna.

Só posso dizer – das mulheres que vi e conheci – muitas me foram apetecíveis aos olhos, mas somente uma me foi favorável ao coração. Duas coisas são imprescindíveis a quem resolver se casar: generosidade e coragem. Virtudes como a generosidade e a coragem são importantes qualidades apreciáveis a quem pretende viver em prol de outrem. Generosidade é imprescindível no carinho, comprometimento e partilha, ou melhor, no compartilhar uma vida juntos. Coragem, virtude para enfrentar as agruras e inúmeras dificuldades do dia-a-dia e buscar o melhor para a família, muitas vezes, em detrimento das nossas vontades, desejos e ambições individuais.

Há de convir que existe mais dificuldade em permanecer casado (a) do que propriamente em se casar, haja vista o número de casamentos e o de separações. Pequenos transtornos e males cotidianos, uma toalha molhada em cima da cama, uma roupa tirada e largada no lugar errado, uma ou outra tarefa doméstica não feita ou malfeita, com o passar dos dias, podem corroer e destruir o casamento, principalmente se não houver companheirismo, cumplicidade, muita conversa e entendimento entre o casal.

Todavia, ex se fosse bom, não era ex, era atual! Atual amiga (o), parceira (o), namorada (o), esposa (o), sogra (o), cunhada (o), nora ou genro, etc, etc...

E você, por que não se casou? Ou ainda, por que se casou? Ou melhor, por que continua casado (a)? Pense sobre isso!

Medo

Por que se casar?

Já parou pra pensar?

Com a minha tristeza, eu posso viver,

Com a dela, perecer.

EVOLUÇÃO

Por vezes, tento conversar, explicar, esclarecer e demonstrar que talvez possamos estar equivocados, errados ou enganados na nossa forma de ver ou enxergar as coisas, visão egocêntrica e narcisista do eu e esquecimento do outro.

Gestos e repercussões dos fatos e não do acontecimento em si.

Em espanhol, o pronome pessoal “nosotros” traz a retórica do nós + outros, associada a ideia de comunhão, junção, junto e misturado, algo mais informal. Os pronomes pessoais iniciam por yo (eu), se torna tú (tu) o él ou ella (ele ou ela) passa a nosotros ou nosotras (nós), que vira vosotros ou vosotras (vós), que chega a ellos ou a ellas (eles ou elas). A língua, assim como, os seres vivos e os seres humanos estão sempre em constante evolução. Evolução do nós com os outros (nosotros) na primeira pessoa do plural vem dar maior ênfase da junção, associação ou parceria das diferentes pessoas singulares e plurais. Singulares no jeito de ser, na dignidade humana, no trabalho honroso, nas relações e interações entre seres vivos, no respeito mútuo, na liberdade alcançada, no respeito vivido. Plurais no comportamento, modo de pensar, vestir e trabalhar, nas interações cotidianas, na cultura ou crenças, sociedade ou pátria, conhecimentos ou estudos, recursos econômicos e políticos, cor, gênero ou raça. Contudo, devendo “nosotros” conviver como pessoas em harmonia, respeito e dignidade, independente da nossa singularidade e ou pluralidade.

GENTILEZA GERA GENTILEZA!?

Diz a máxima popular: “Gentileza gera gentileza”. A maioria das vezes, sim, mas nem sempre.

Lembro-me de certa vez, em uma viagem ao sul do país e, na ocasião, acompanhado por uma pessoa da minha mais alta estima, mulher bonita, inteligente, de boa índole e boas práticas, agradável no falar e no conviver. Mas, por situações e ou acontecimentos desconhecidos fê-la agir de maneira estranha e ríspida em diversas ocasiões. Por mais gentil, atencioso, prestativo e respeitoso em que possa me apresentar, sempre recebia em resposta as minhas incontáveis gentilezas, uma resposta nada favorável, deselegante, ríspida ou desaprovável. O dito popular “Gentileza gera gentileza” não encontrava respaldo verossímil. Quantas vezes, ao dirigir uma palavra de afeto, apoio ou respaldo recebia negativas. Quantas vezes, ao atender a ânsia de querer ajudar em afazeres da viagem, como compras, auxiliar a levar e carregar objetos, além de auxiliar em coisas que não suas e nem pra você, somente pelo prazer de ser útil e auxiliar a outro, eu só encontrava desgostos e asperezas no tratar e falar.

Relato aqui um caso emblemático das goiabas, acontecido na mesma viagem, em que eu sabendo de sua preferência por tão saborosas, nutritivas e saudáveis frutas, eu logo reconheci a oportunidade de fazer um regalo e talvez, amenizar a rispidez e as indelicadezas de minha companheira de viagem. Na rua, avistei um ambulante ou feirante que vendia tão atrativas, bonitas e grandes frutas. Na inocência de fazer um agrado àquela na qual tenho tanta deferência, comprei um volume expressivo de goiabas e chamei a amada que tanto se entretinha com compras. Minha alegria na possibilidade momentânea da alegria de outrem se esvaiu tão rápida e furtivamente, quanto água pelo ralo. Ela ao olhar e vistoriar as frutas, apalpando-as e cheirando-as logo as rechaçou dizendo que estavam muito maduras e que não eram de seu gosto ou preferência. Alegria minha que durou pouco ou muito pouco, pois além de não agradá-la me advertiu que não às devia tê-

las comprado e as apresentado. Tamanha foi a minha decepção que pedi desculpas e disse que não se aborrecesse, pois eu, e quem mais quisesse iríamos comê-las com muito gosto e, tão logo acabei de falar, levei a mão à sacola e mordisquei uma deliciosa goiaba, meio a contragosto - é verdade -, mas muito saborosa. Houve outros casos e acontecimentos, no entanto, não merecem atenção ou comentário, a título de exemplo, somente que o efeito foi sempre o mesmo.

Na maioria das vezes, quando recebo uma prova de desdém, de negativa ou de desconformidade de quem se tem muito apreço, carinho e admiração, levo na brincadeira, faço de conta que não é comigo, finjo que não escutei (entra em um ouvido e sai...), em prol da convivência respeitosa, harmoniosa e pacífica. Outras, entro em forte diálogo e levanto questões, questiono, debato, apresento argumentos, se a pessoa for aberta e aceitar contrapontos, medidas, experiências e opiniões distintas da dela podemos entrar em acordo. No mais, às vezes, tanta negativa pode acumular, encher e transbordar nosso espírito machucado por demais. Entretanto, mais vale fazer o bem, independente de quem ou pra quem, pois o resultado sempre vem (pra nós ou para outros). Gentileza pode não gerar sempre gentileza, mas gera outras belezas... na vida ou na alma.

TUDO QUE TE AGRADA, TE ENGANA

Tudo que te agrada, te engana. Te coloca em um estado de calma apaziguadora e apascentadora que te impede de ação e reação frente as circunstâncias da vida.

O **costume**, a cultura social e outras referências da sociedade nos coloca em situação desfavorável frente aos reveses da vida. Michel de Montaigne (1533-1592) discorre nos seus “Ensaio” sobre o papel do hábito ou do costume e sua influência perseverante e pervença na sociedade:

“...o costume é efetivamente um pífido e tirânico professor. Pouco a pouco, às escondidas, ganha autoridade sobre nós; a princípio terno e humilde, implanta-se com o decorrer do tempo, e se firma, mostrando-nos de repente uma expressão imperativa para a qual não ousamos sequer erguer os olhos. Vemo-lo violentar a natureza, em seus acidentes como em suas leis...” (MONTAIGNE, p. 61, Ensaio. Trad.: Sérgio Millet. São Paulo: Editora Abril Cultural)

O costume, bem como o aspecto cultural imbricado na sociedade deixa marcas e nos torna mansos, dóceis, conformados e descansados na situação atual e ou corriqueira, insinuando certa felicidade e bem-estar inerente a esse costume. Montaigne relaciona **segurança financeira e tranquilidade** a quem utiliza destas para ocupações mais proveitosas:

“Feliz de quem regula tão bem suas necessidades que suas rendas lhes bastam, sem que se tornem motivo de preocupação ou perturbação e sem que repartição ou recuperação sejam um entrave a outras ocupações mais de acordo com seus gostos e às quais se possa dedicar convenientemente e tranquilamente.

A bança e indigência dependem, pois da ideia que delas temos. A riqueza, como a glória e a saúde, só atrai e causa prazer na medida que empresta prazer e atração a quem possui.” (MONTAIGNE, p. 41)

Deve-se atribuir maior valor ao saber do que ao ter, esta sim, a grande riqueza. Valorar o conhecimento adquirido com o passar do tempo, como o saber popular empírico, o saber filosófico, o saber científico. Diminuir o valor e a importância, bem como, o apego

desmedido e desregrado às coisas materiais ou riquezas mundanas, mas sim, adquirir o necessário a satisfação das legítimas necessidades primordiais e básicas de todos os seres humanos.

Não se engane e acomode, pois qual é o propósito do saber? Facilitar e melhorar a vida de todos os seres vivos, além de tornar nossa convivência respeitosa e harmoniosa? Promover e satisfazer as necessidades, em detrimento da vontade dos indivíduos? Talvez, cada um e cada um possa dar a sua resposta.

Por vezes, entramos em conversa e debate com algum amigo e a discussão prolonga-se de tal forma que se passam minutos, horas até um entendimento agradável e satisfatório, não para um, mas para os dois lados da questão. Não um lado da estória, não o outro lado, mas um acordo firmado e respaldado pelo diálogo e o bom-senso. Mudar a forma de ver, entender e pensar, também consiste em sair da tão falada “zona de conforto”, lugar agradável, seguro e talvez, enganoso, mas tentar nos colocarmos ativamente a ouvir, tentar compreender e considerar o ponto de vista do outro, formulando e reformulando nossa reflexão de modo conjunto e acordado.

O auto-indulgente, com comportamento egoísta, caráter de quem evita assumir responsabilidades ou de quem se afasta de dificuldades, o comodista deve ser evita. Mas, aquele que dialoga com as suas ideias e com as ideias do outro, mesmo que contrárias e não agradáveis, tem uma vantagem. Vale a ressalva: Cuidado, só que não é cômodo, fica incomodado com o comodismo!

Tenho convicção de que...o ser humano é propenso a erros, porque é imperfeito. Ademais, erra e vai continuar errando. Mas, o importante é continuar tentando, tentando fazer o certo, agir de forma correta, sem comodismos, da melhor maneira possível.

Dizem os americanos: “What is in it for me?” O que tem aí para mim? Digo: depende do que você quer. O que você quer ou melhor, precisa ou necessita, verdadeiramente, sem enganos?

Gosto dos sons, tonalidades, jeitos e trejeitos, bem como, o sotaque característico carregado no falar de algumas pessoas, traz uma conotação de costume, cultural e característica. Versar e discorrer algumas palavras ou frases, em especial àquelas proferidas e dirigidas com consideração, afeto e carinho, por quem se tem um gosto fraterno ou amável é uma maneira cordial de conviver. Um exemplo, seriam palavras graciosas que transmitem um sentimento sincero, respeitoso e amplamente difundido nos ouvidos e no coração, de quem tem o privilégio de escutá-las. Certa vez, uma pessoa importante algumas vezes possa ter dito, iniciando um diálogo: “Oi, meu lindo! Tudo bem? Meu querido! Ou ainda: “Meu lindo, bom dia e bom trabalho! E completar: “Meu lindo, se cuida!” Não que minha vaidade ou soberba esteja exacerbada e desenfreada pelo “lindo”, não tenho pretensão ou preocupação demasiada com tal coisa ou tal adjetivo. Isso nada ou muito pouco me afeta, apesar de ser bom ouvir algo do tipo, de vez em quando, pode tornar maior e melhor a nossa auto-estima. O que realmente me interessa e alegra é a ideia do “Meu”. O “Meu” torna-se algo natural em uma relação afetuosa entre duas pessoas que se querem bem. O “Meu” pronome possessivo, não necessariamente remete ao pertencimento, mas ao carinho dispensado e doado a outrem. O “Meu” traz nas entrelinhas um afago, um afeto, um carinho na alma por demonstrar tanto no falar.

O “Meu” torna tudo mais importante, mais especial, mais informal e muito mais pessoal. O “Meu” adquire um ar de satisfação ao ouvi-lo da pessoa admirada e contemplada que torna o complemento da frase, seja lá o que for, mais singelo, simples e bonito. O ouvinte sente-se mais seguro de si e de suas relações interpessoais, além de tudo que se conversa ficar mais brando e mais terno. O falante muda a tonalidade, o jeito, o trejeito ao pronunciar e falar a palavra “Meu” de tal forma que o ouvinte fica estarecido, enredado e completamente envolvido na conversa, independente do assunto, caminho ou direção que a conversa ou o discurso tomar.

FILOSOFIA

A filosofia lida com questões racionais (mesmo que, por vezes, abstratas) existenciais do ser humano. Questionamentos que permeiam o consciente coletivo, mais cedo ou mais tarde, aparecem e ganham vulto na existência, na mente, no espírito ou na essência do ser humano. Seja, do padeiro da esquina ao empresário do mais alto escalão, do gari ao político, do lavrador ao industrial, da empregada doméstica à modelo famosa, todos, sem exceção lidam com questionamentos, pensamentos e ponderações filosóficas, as mais diversas e controversas, que a mente humana pode conceber. O ensaísta francês, Michel de Montaigne (1533-1592) escreveu sobre a filosofia:

“A alma que se aloja, a filosofia faz com que o corpo participe de sua saúde. Leva ao exterior o brilho de seu repouso e de sua serenidade; modela o aspecto do corpo e o reveste de graciosa segurança, dá-lhe um aspecto ativo e alegre, um ar de satisfação e bonomia. O mais visível sinal de sabedoria é a alegria constante. O sábio é sempre sereno.” E continua: “O ofício é serenar as tempestades da alma e ensinar a rir da fome e da febre, não mediante um epiciclo imaginário qualquer, mas por meio de razões naturais e sólidas.” (MONTAIGNE, p. 86, Ensaaios. Trad.: Sérgio Millet. São Paulo: Editora Abril Cultural)

A filosofia traz de encontro perguntas, respostas, angustias, serenidade, negações, afirmações, falsidades, verdades, erros e acertos, dizeres a muito escondidos na alma e na razão do pensante e o torna senhor na busca de respostas, respostas não só abstratas, mas respostas concretas para indagações existenciais cotidianas. A filosofia ou o amor à sabedoria deve contribuir para entender o mundo e quiçá, o viver.

ANIVERSÁRIO

Aniversário, um momento único, com novos acontecimentos, e por que não, uma nova pessoa nascendo e renascendo a cada ano. O dia do nascimento, uma data a ser comemorada e compartilhada com quem mais nos importa. Ao completar mais um ano, nós festejamos e agradecemos o acontecimento da vida. Data comemorativa importante não só para um, mas para muitos que dividem esse momento especial, seja familiares, amigos, colegas ou conhecidos, todos têm alguma contribuição e participação com algo importante a acrescentar na experiência vivida de mais um ano completo. Todavia, o nascimento e as condições deste singular momento são reportados por Michel de Montaigne, em seus “Ensaio”, Livro Terceiro, p.462, Trad.: Sérgio Millet. São Paulo: Editora Abril Cultural:

“Todas as coisas são débeis e frágeis ao nascer; eis por que cabe atentar para esse momento, pois enquanto pequenas não se percebe o perigo que correm e, quando crescidas, não se encontra o remédio para seus males.”

Eu, pessoalmente, entendo e concordo com os argumentos apresentados sobre a importância e decorrer de tais acontecimentos, contudo, confesso que não ligo muito para tais festividades de aniversário e nem me animo muito com elas. Ademais, tento parecer mais apto, favorável e alegre com a comemoração por causa da família e dos amigos apresentarem-se tão dispostos à festividade. Para mim que vivi muito tempo longe daqueles que me são mais preciosos, da família e amigos, torna-se uma nova oportunidade de revê-los e partilharmos alguma coisa juntos, uma vez mais. Para mim, mais vale a lembrança; o abraço e o beijo afetuoso da família; o aperto de mão forte e respeitoso dos sinceros e grandes amigos. Isso sim, vale a pena o encontro.

Recordo-me de uma conversa com minha mãe sobre a comemoração e festejos de mais um ano de vida completo, seu aniversário. Como toda conversa importante,

como que para preparar e acomodar o ouvinte a temática principal começou trivial e desfocada. Versamos e discorremos sobre o que seria feito para os convidados comerem, quem prepararia os alimentos, como prepararia os produtos variados, quando e como servir os aperitivos e bebidas, quem viria a ser convidado... no decurso da conversa surge a pergunta, normalmente pouco feita, mas muito importante de ser respondida. Por que comemorar mais um ano de vida? Tantas desilusões, tristezas, sonhos perdidos, amigos falecidos e admoestações sofridas, uma vida difícil, com muitas cobranças, privações e descontentamentos. Por outro lado, por que não comemorar mais um ano de vida? Objetivos alcançados, novas opções e novos sonhos ou projetos, alegrias vindas, conforto e segurança adquiridos, novos e antigos amigos numa mesma comemoração solidária e fraterna.

Todavia, após tantos anos de vida (74 anos, na época, para ser exato) e uma vasta experiência adquirida, eis a resposta daquela mulher, senhora de vida simples e humilde, que me surpreendeu (não com essas palavras precisamente, devido ao lapso de memória e o tempo decorrido, mas o sentido esta mantido fielmente):

“- Os mais novos comemoraram e se alegram com a festa de aniversário na esperança de ter uma vida boa, longa, alegre e cheia de dádivas. Tudo é novo, inesperado, uma descoberta e surge o despontar de muitos acontecimentos ao longo dos anos e, conseqüentemente, da vida. Os de meia idade não ligam muito para as comemorações de aniversário, pois estão no meio do caminho, não têm tanta esperança de algo melhor, mas ainda assim têm um porvir inesperado e novo com passar do tempo e o desabrochar da vida acontecendo. No entanto, já viveram o suficiente para ponderar, entender e agradecer o que passaram. Os mais idosos já passaram por muita coisa, não têm tanta esperança de um futuro “dourado” e duradouro. Contudo, pelo que já viveram durante tanto tempo têm muito que agradecer e comemorar com os seus entes mais próximos e queridos, na esperança de que esse não seja o último ano e com o pensamento: “Será que no próximo ano vou estar aqui e poder comemorar a passagem de mais um ano vivendo, e vivendo

bem, com saúde e com minha família e amigos?” Por isso, que eu continuo fazendo festa, almoço ou jantar e me alegrando na comemoração do meu aniversário.”

Realmente, para mim que não faço tanta questão de festa ou qualquer tipo de comemoração para mais um ano completo, naquela noite, durante o jantar de comemoração do aniversário da minha mãe, fiquei muito feliz por ver a satisfação e alegria dela em receber, comemorar e se regozijar com familiares e os amigos que mais preza.

Aniversário, comemorar ou não comemorar, eis a questão!?

Feliz Aniversário! Happy Birthday! Feliz Cumpleaños! Joyeux anniversaire!

Estimados e caríssimos leitores e leitoras será que a máxima popular vale ainda: “Antes só que mal acompanhado!” Isso vale para todas as pessoas e em todos os momentos?

Solidão, estado natural de vazio ou isolamento sentido pelo ser humano. A solidão acompanha o homem desde o nascer, viver, se desenvolver e padecer, na morte. A solidão pode estar no sentir-se só; quando o indivíduo coloca-se na condição de estar só, física, psíquica e espiritualmente, independente de estar ou não acompanhado por outras pessoas, ou ainda; independentemente de estar em diferentes lugares ou situações corriqueiras ou inesperadas da vida, escolhe estar só.

O estar só pode ser uma condição proveitosa e profundamente virtuosa quando usada para introspecção, pensamento ordenado e reflexão buscando o autoconhecimento, além de favorecer a produção literária, artística, cultural, pintura, escultura, artesanato, artes visuais e plásticas ou gráficas, música, estudo e pesquisa científica, entendimento de ciências e matemática, além da filosofia. Grandes exemplos de gênios e profundos conhecedores da importância da solidão ou de momentos de reclusão no processo criativo e produtivo estão: Sidarta Gautama “Buda” (563 a.C.-483 a.C.); o rabino, profeta ou “Messias” Jesus de Nazaré (estima-se de 7-2 a.C.- 30-33 d.C); o filósofo e teólogo cristão Santo Agostinho (354-430); o profeta Muhammad “Maomé” (571-632); o pintor e escultor Leonardo Da Vinci (1452- 1519); o pintor e escultor Michelangelo (1475-1564); o filósofo Michel de Montaigne (1533-1592); o poeta, dramaturgo e ator William Shakespeare (1564-1616); o matemático, físico, astrônomo e teólogo Isaac Newton (1643-1727); o político e poeta George Gordon Byron “Lord Byron” (1788-1824); o compositor e pianista Ludwig van Beethoven (1770-1827); o filósofo Arthur Schopenhauer (1788- 1860); o pintor Vincent van Gogh (1853-1890); o físico Albert Einstein (1879-1955); o poeta Augusto dos Anjos (1879-1955); a escritora Clarice Lispector (1920-1977); o

compositor e cantor Renato Russo (1978–1996), dentre tantos outros. Esses que, por escolha própria ou não, por “ironia” do destino ou casualidade se colocaram em condição de intensa exclusão de tudo e ou reclusão em benefício da introspecção, entendimento e aprendizagem de si próprios e do mundo ao seu redor a favor do processo criativo, crítico e artístico.

Todavia, a solidão pode constituir-se em aspecto degradante e desastroso, profundamente vicioso da condição humana quando leva ao descontentamento e aborrecimento, isolamento longo de relações familiares e sociais, desorganização das ideias/pensamentos, ansiedade, acompanhamento do sentimento de perda ou falta de acolhimento e do sentido gregário da vida em sociedade, depressão, que em casos extremos pode levar a falta de esperança e ao suicídio. A inexistência ou a falência demasiada da esperança (no sentido abstrato de quem espera, deseja ou objetiva algo favorável ou melhor na vida) pode acarretar a desertificação de sentimentos de acolhimento, partilha, sociabilidade, associação e pertencimento à família, amigo e grupo social. Exemplo clássico é do próprio van Gogh profundamente solitário e atormentado por crises depressivas foi levado ao suicídio com apenas 37 anos de vida.

Em tempos de mídias ou redes sociais, o mundo virtual promove a ligação, ou melhor, interligação entre os seres humanos ou nos agrupa, segrega ou exclui em grupos distintos, tornando mais forte e evidente a sensação de união, grupo ou, ao contrário, segregação, divisão e solidão. Muitas pessoas na rede mundial de computadores, na internet, têm inúmeros “amigos” e “seguidores” virtuais com pouca ou quase nenhuma relação vivida fisicamente do encontro, da conversa, do companheirismo. No entanto, tais pessoas sentem-se incondicionalmente solitários e desprovidos de uma relação mais intensa e fraterna. “Amigos” virtuais são ou podem ser amigos reais? Compartilhar experiências, conversas, dividir e divergir de opiniões categoricamente opostas de maneira respeitosa? O crescimento pessoal, profissional e intelectual pode ocorrer advindo de relacionamentos virtuais? As relações virtuais são agravantes ou atenuantes para pessoas solitárias (no mundo

contemporâneo) cada dia mais conectadas? Como se pauta suas relação compartilhada ou solitária no ambiente virtual? Número de “amigos”, *Likes* (curtidas), *unlikes* (descurtidas), *share* (compartilhar) ou não, *tagged* (marcar) ou ainda, desmarcar, acrescentar ou não *emojis* ou *emoticons*. Palavras e situações cada vez mais pautadas nas relações interpessoais no ambiente virtual. O ambiente virtual pode e deve ser usado com equilíbrio, respeito e retidão de pensamento. No entanto, o uso de mídias ou redes sociais prejudica, atrapalha ou melhora e favorece as relações e inter-relações com sua família, amigos e colegas de trabalho? Questões árduas que cabem ao homem dito “moderno” ou “contemporâneo” responder. Ademais, o uso de internet e dos diferentes ambientes virtuais são uma realidade que não tem retorno e é, sem dúvida, duradouro. Inegavelmente, a internet, *hardware* e *softwares* e uma infinidade de aplicativos “*app*” facilitam encontros, relações sociais e de amizades, dinamizam e favorecem o trabalho, escola ou lazer. Contudo, deve-se ter equilíbrio e pensamento objetivo no que se quer. Não se olvide de raciocinar e ponderar sobre tais perguntas e tentar encontrar a melhor saída e ou resposta. Pensamento introspectivo e procura de algo na solidão dentro de si são as ferramentas para lhe dar forças e ajudar a perseverar perante os percalços e desilusões da vida.

O estar só nas redes e mídias sociais virtuais, bem como, no ambiente físico, vivo e dinâmico, nos coloca a solidão como imperativo categórico a escolha do indivíduo, ou ainda, do grupo social como meio para o favorecimento ou desfavorecimento do indivíduo. Estar só e ou sentir-se só, intrinsecamente, a busca do autoconhecimento e a reflexão-introspectiva, são benéficos ao indivíduo? Eu, particularmente, admiro a ideia. E você (s)? O que acha (m)?

A banda inglesa “Iron Maiden” formada a partir de 1975, em uma de suas célebres canções consagrou a solidão na canção, de composição de Bruce Dickinson e Janick Gers, intitulada “Wasting love”, traduzida como “Desperdiçando amor”, nos dizeres:

“Spend your days full of emptiness
Spend your years full of loneliness
Wasting love in a desperate caress
Rolling shadows of nights”

Traduzida comumente como:

“Gaste (ou viva) seus dias repletos de vazio
Passe (ou viva) seus anos repletos de solidão
Desperdiçando amor em uma carícia desesperada
Rolando nas sombras das noites” (IRON MAIDEN)

Realmente deve ser assim? Ou a composição está um pouco equivocada? Deve-se passar a vida no vazio ou solidão rolando nas sombras da noite? Desperdiçar o amor? Ou ainda, é só figura de linguagem ou licença poética dos compositores? O que pensa?

Quem não sabe ou não consegue viver e se divertir sozinho, dificilmente conseguirá acompanhado.

TRISTEZA

Às vezes, o estar só precede a tristeza, por vezes, o inverso. A tristeza aprecia e valoriza a solidão, tanto que quem normalmente esta solitário pode sentir-se triste. Essa contribuição existe. Desgraças e fatalidades acontecidas podem contribuir para a sensação de tristeza.

Tristeza, pré-disposição a uma violência, uma dor sentida n'alma, no espírito. Animais e, é claro, dentre eles, o homem podem ser acometidos desse mal. Uns mais susceptíveis, outros nem tanto, razão pela qual alguns seres humanos a tenham em condições de mui respeito, estima e comiseração para com outros. A consciência entende seu papel de reflexão e autoconhecimento, também reconhece os sentimentos de perda, solidão, humildade, piedade e certa infelicidade decorrentes à sua presença. A tristeza, faca de dois gumes, que tanto desencadeia a autorreflexão e a busca do entendimento, também é a mesma que corta e dilacera o coração e os sentimentos daquele a quem é apresentada.

Artistas, pensadores, filósofos, estudiosos, escritores, poetas, pintores e tantos outros apresentados e enlaçados pela tristeza, fizeram uso desta e, mais precisamente, do momento de pensamento e conhecimento advindos desta, uma das responsáveis por grandes obras. Cada um lida com suas diferentes tristezas de uma forma distinta, cada um tem algo que reconhecidamente te entristece, mas vale lembrar, só é abatido, derrotado e vencido pelas suas tristeza, quem se entrega e desiste de lutar. Coragem e perseverança, bem como, atitude consciente de mudança favorável, ademais, o apoio dos familiares/amigos são ferramentas ou artifícios para superar um momento ou vários momentos de desilusão e tristeza. Tentar trabalhar com a tristeza e transformá-la em algo proveitoso pode ajudar. Veja e se inspire em grandes artistas como pintores, compositores, instrumentistas, cantores, escultores,

artesãos, construtores, atletas e tantos que tiraram de um instante de sentimento negativo, inspiração e coragem (força) para fazer grandes obras que ficaram para a história.

Não obstante, o contrário também é verdadeiro, sábios ou pessoas de vida comum (não tão reflexiva e consciente) sucumbiram e destruíram suas vidas por encontrarem e não saberem lidar com uma tristeza descomunal e avassaladora. Como qualquer ferramenta ou sentimento pode servir para construir, edificar e engrandecer o ser humano, bem como, aniquilar seus projetos, sonhos e desejos. Tudo depende de como você encara, compreende e transforma sua vida. A palavra-chave é transformação. Transformar ou modificar nossa forma de ver, entender, interagir e lidar com a tristeza, e a ação (atitude), ato consciente, planejado, gerido estrategicamente em favor de algo dignificante e proveitoso.

Quando, por algum motivo, causa, razão ou circunstância, somos derrubados pela tristeza, a decisão é nossa de ficar paralisado e desterrado no chão da vida ou levantar a cabeça, persistir e perseverar em seguir o caminho, encontrar um novo horizonte ou um novo ponto de vista de descobertas, ou ainda, ficar soterrado pela angústia, pelo medo, pela dor e percalços presentes na vida de todos.

A tristeza perturba os sentidos, os lamentos incessantes, as lágrimas infindáveis, a desvalia miserável e tirânica da autopiedade, somada a falta de coragem e atitude, só podem piorar as coisas. Aos outros, solidários, além do auxílio e desvelo dispensados, resta a compreensão e sensibilidade para perceber a situação e, em casos desmedidamente graves e extremados, que remetem a depressão, sentimento de melancolia profunda e perda da vontade de viver, resta procurar apoio e um profissional devidamente habilitado, com experiência na área de saúde física e mental para auxiliar e remediar o caso conforme a necessidade.

EL SABLE DEL DESTINO

Estoy a merced de un destino que no es el mío propiamente, ni tuyo, tampoco de otro como nosotros pobres y desafortunados, aunque libres como un halcón de centrería. ¿Dime destino, lo que quieres de mí? ¿Que haces con mi vida? De pronto, fíjiste lo que querieras. Muestrame cual es el camino y permíteme seguirlo, hoy, mañana, siempre, tan pronto me encuentres tú. No me preocupas, ni le opongo la menor resistencia. Además, todo está en mis manos, soy señor de mis actos, de mi cabeza y todo que puedo engendrar, hago con mucho gusto. Miro directo a los ojos de la felicidad, de las emociones y de la realización personal y por veces estoy cerca de mis objetivos. ¡Despacio! El sable del destino cuerta la mano febril del enfermo y mostrale la realidad. Sigue cambiando, cambiando y siguiendote...

IMPETURBABLE

Imperturbable. Además, las palabras y las tonterías que alguien pudiera decir, dejo la advertencia de que no haces manifestaciones públicas o en privado de cosas que no conoces o aunque no entiendes profundamente. La confusión y el desastre, sin variación, pueden incurrirlo. La misma inclemencia del público también seá a de tus amigos. Lo silencio y a firmeza en pensar/razonar son las riquezas de los artistas y de los sábios. Tornaté imperturbable frente la conversación, la musica, los juegos y la fiesta. Haga lo necesario para encuentrate en fuerte apretón de manos con la solitud y comienza a apoyarte un rato en la soledad. Aprovecha y empieza lo “conoce a ti mismo” (Socrates), reconociendo tus errores, aunque sofreste, aprende con ellos. A cualquier hora del día o de la noche, adentro o afuera, oí sus pensamientos y rãzona. No deje la lluvia de palavras desbaratar sus pensamientos con violencia arrasadora. ¡Reprímelas! No despeje su revuelta o quédese nervioso sobre los escombros de las ideas. Empeza a concentrarte de nuevo. La decisión final es tuya.

IT MAKES ME WONDER

It makes me wonder... Many things make me wonder like whispering wind, the dried leaf in Autumn, the morning fog, the sunset, the moon's light, the children's smile, the eyes of the loved women.

My dear, time of time, I'm gonna leave you but I'm can't keep way many times. I'm hurt, I have got a high pain. By the other hand, we'll keep on fighting till the end. High hopes! Take me off to hence, take me down to paradise. So, so far away...Instead, I hear it through the grapevine. They're dragging you down. Maybe, It made me wonder that it didn't me.

When I see the way, when I'm on my way, I'll be a rock and not to roll, and wait, when all will be revealed, we're relaxed.

Shoot out!

PACIÊNCIA

Momentos de nervosismo exagerado, demasiada ansiedade, raiva descontrolada, todos passamos por instantes ou momentos onde não raciocinamos ordenadamente. Faz parte do processo de crescimento e aprendizagem decorrente do viver.

O filho, adolescente e ou jovem, que por motivos alheios ou não a sua vontade recebe uma negativa dos pais ou responsáveis. A jovem filha, que prudentemente e acertadamente é protegida dela mesma ou da falácia exacerbada da sociedade e, após mais uma conversa ou discussão mais acalorada com a família para decidir como, com quem, quando e de que maneira sair para mais uma festa com as amigas fica impedida de sair, além de chateada/aborrecida e até revoltada. O idoso (a), submetido (a) aos rigores do tempo e preenchido com as experiências de outras épocas, torna-se insatisfeito com os ditames de parentes mais novos e responsáveis por seu cuidado e bem-estar. Paciência!

Filho, filha, pai, mãe, avô, avó, a falta que faz um pouquinho mais de paciência. Como diria o compositor e músico da cidade nordestina de Recife – Pernambuco, Lenine na canção de mesmo nome (“Paciência”, composição Dudu Falcão e Lenine):

“Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...”

E em outra estrofe completa, arrematando acertadamente: “A vida não pára...”.
Decisivas e sábias palavras.

O pensamento paciente com clareza e discernimento facilita a vida e o convívio. De nada ajuda o nervosismo, a ansiedade, a intempestividade, ou em casos mais severos, os pequenos acessos de raiva ou fúria, cujos quais todos nós, seres humanos estamos fadados

a ter, uma vez ou outra. Atitudes assim, somente podem entristecer e afastar àqueles que gostam de você ou te amam. A noção disso aparece com o pensar coerente proporcionado pela experiência da vida e ação do tempo. Algumas pessoas, nem com isso. Parar, respirar e raciocinar coerentemente auxilia na tomada de decisões, sejam elas muito importantes ou não, decisivas ou cotidianas. A dificuldade esta em mudar, assumir uma atitude proativa de cambiar o que esta equivocado ou errado. Assumir uma atitude tranquila frente aos problemas corriqueiros da vida. O erro ou acerto, mais erros que acertos, faz parte do jogo da vida, não importando tanto quem ganha, mas sim, o que acontece durante a partida, o jogo em si. A luta diária e os problemas são para todos. Todavia, lembre-se que as outras pessoas também têm dificuldades e contrariedades e, até, maiores que as suas. Faça o teste e visite um orfanato, um asilo, um hospital que cuida de pessoas com câncer (no meu caso, uma visita ao Hospital de Amor de Barretos-SP foi bem marcante) ou doenças terminais. Percorra um vilarejo ou bairro pobre/paupérrimo próximo a sua residência. Veja e perceba como é a vida de gente mais desfavorecida, humilde ou que vive na miséria.

Não dou tanta atenção e importância para os nossos (o meu e o seu, caro leitor ou leitora) momentos de tristeza, raiva ou falta de paciência, mas me preocupo com o que nós e, sobretudo, os mais jovens podem vir a fazer e se tornar. O vício do egoísmo e egocentrismo é um mal que assola cada vez mais pessoas.

O basilar e prioritário não deve ser o dinheiro, a riqueza ou o patrimônio, a fama ou o reconhecimento, a casa ou o carro, o poder ou o bom emprego, ou ainda, qualquer outro bem material. O importante é o que você aprendeu ou sabe (o conhecimento adquirido) da vida e o que você traz de bom, saudável e fraterno no coração. Ademais, o que você faz (ação) com tudo isso, em favor de você, da família, dos menos favorecidos e da sociedade em geral, é essencial. Capacidade de enfrentar situações difíceis de maneira humilde, humana e respeitosa, bem como, racional tem que ser uma busca incessante de todos que procuram uma convivência pacífica e enriquecedora, com paciência.

ESCRITOR?

Quem me dera esse título honorífico! Não me julgo e nem posso ser chamado assim. Tal honraria cabe aos poucos, escassos e hábeis artistas das letras. Seres errantes, amantes e aventureiros da palavra. Esse quem justifica em verso e prosa, conto ou parábolas, romance ou novela, aforismos ou ditames à excelência do ato puro e simples da escrita. Escrita que emociona, escrita que adverte ou orienta, escrita que qualifica ou desqualifica, escrita que inflama, escrita que dignifica ou indigna, escrita que sofre ou faz sofrer, escrita que ama, escrita que santifica.

Escritor! Eu!? Faz-me rir! Sou só alguém que pega o que tem aqui na cabeça, aqui no coração e lá dentro d'alma e, coloca tudo acolá no papel e transforma tais efêmeras e ditosas linhas em texto falado, escrito, sentido.

Escritor é aquele que observa, ouve, sente, percebe e entende qualquer fato, acontecimento, situação ou sentimento, real ou imaginativo, que suscite pensamento e transmite essa percepção traduzida em palavras, frases/orações, parágrafos, texto, em prosa ou verso, para o leitor, interessado ou sensibilizado, tanto positivamente (prazer, na maioria das vezes) quanto negativamente.

O prazer da atividade da escrita é intensificado pelo prazer de ler, conhecer e aprender e, por conseguinte, no escrever. Aristóteles, quase quatro séculos antes de Cristo, relatou tais palavras sobre o prazer das atividades:

“...pelo fato de estar cada prazer intimamente ligado à atividade que ele completa. De fato, cada atividade é intensificada pelo prazer que lhe é próprio, uma vez que cada classe de coisas é mais bem julgada e feita com maior precisão por aqueles que se dedicam com prazer à correspondente atividade; por exemplo, são as pessoas que se comprazem no raciocínio geométrico que se tornam geômetras e compreendem melhor os vários teoremas da geometria, do mesmo modo, os que gostam de música, de arquitetura, e assim por diante, fazem progressos nas respectivas áreas porque sentem prazer nelas. Portanto, o prazer intensifica as atividades, e o que intensifica uma coisa é aquilo que tem afinidade com ela, porém coisas que são diferentes em espécie têm igualmente propriedades diferentes em espécie.” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Livro X, 5, pág. 224)

PEQUENOS MOMENTOS

Agradeço a você, companheiro ou companheira (familiar, amigo, colega, cônjuge ou filho). Companheiro ou companheira é aquele (a) que acompanha, que faz parte, que é parte, junto com a gente. Pequenos momentos, instantes de alegria que fazem grande diferença na vida da gente.

O ser, o viver, obrigatoriamente remete ao dilema humano da felicidade. O que é a felicidade pra você? O que te deixa feliz? Ou, o contrário, o que te deixa infeliz? Como você vive com a disparidade entre felicidade e tristeza? A felicidade é inatingível/inalcancável? Mais questionamentos que respostas. A vida não é assim, uma questão após outras? Uma sucessão de perguntas e poucas ou nenhuma resposta? Isso te traz algum sentimento de felicidade? Ou ainda, vez ou outra, te descontenta? Te deixa... eu diria, penso, contente um descontente?

Certa vez, encontrei uma companheira que me deixou contente, o descontente. Ra, ra, ra!... A palavra é essa mesmo, companheira (com: junto), que acompanha, que apanha (do verbo apanhar), ou melhor, te ou me apanha, me pega e esfrega. Companheira que me proporcionou pequenos momentos de alegria, que pude ter e me regozijar, me entorpecer e me fastiar com a presença, com a companhia, com a conversa, com o olhar, nossas afinidades ou não, nossos pontos de vista discordes ou concordes. E pronto! Um bom amigo ou amiga, uma grande companhia é assim, boooaaa!

Momentos de alegrias que valem por toda a vida. Com você também foi assim? Dime, dime.

WHEN I PUT MY MOUTH

When I put my mouth, my lips on you, in your body, in your skin...

You feel the shivers go up and down your spine for me, all my body feel yours with an inexplicable one thing.

Your heart pounding for me, one more time...

Damn, I'm very lonely, you're making me crazy.

We've been waiting many times for this day, this moment...

What do you do? What did I do? I'm making crazy! We're making mad!

The chaos that controlled my mind, my heart, my soul, all my bones and all my body

This's taking care of me...

When I put my mouth, my lips on you, in your body, in your skin...

I feel anything new and very good.

And you, you feel the same? I feel your shivers and your heart pounding...

When I put my mouth, my lips on you...

I want to give more a kiss, or better, many kisses on you.

I was your shadow and you're part of me.

The connection exists...

ALWAYS HAD A FEAR OF BEING TYPICAL

Maybe, I'm a fool, but
Always had a fear of being typical
Looking at me and feeling me miserable
What do I do with my life?
What do I do with my dreams?
What do I do with any wishes?

Hypocritical and egotistical
Always had a fear of being normal
Always had a fear of being typical
It's not to be, never...

I do what it takes
To be not being typical
Different thinks, different things
I do whatever it takes,
Now or never, now and always.

Whatever it takes
Pull me to up, make me up.
Cause I love the change,
The new things, new work, new places, new love...

I think out of the little box

One son different of all others,
Someone different
Change constantly, I grew with this

I said goodbye too many times before
But now is true.
I have no choice, it's will go chance.

The life run in front of me
And I'll go put my things on the road.
Everyday discovering something brand new.

What to do!? I'm so stupid.
I'm a fool or we're all a fool?
Always had a fear of being typical
And of the anything making me feel this way.

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

Nasci, cresci e fui catequisado na tradição e nos costumes do cristianismo católico.

A religião segue um conjunto de princípios, regras, símbolos, crenças e práticas de doutrinas religiosas, baseadas em livros sagrados (como, a Torá, na religião hebraica – Judaísmo; a Bíblia, na religião cristã - Cristianismo e suas derivações evangélicas; o Corão ou Alcorão, na religião islâmica - Islamismo), que unem seus seguidores numa mesma comunidade moral ou grupo que segue seus preceitos. Algumas vezes, denominadas Igreja e sua respectiva crença.

A religiosidade identifica a qualidade do indivíduo que possui disposição, tendência ou aceitação para refletir sobre os aspectos da atividade religiosa, independente da religião seguida ou praticada. A religiosidade intrínseca do indivíduo aborda sentimentos, pensamentos e reflexões religiosas, bem como, apresenta uma tendência de crença que o indivíduo tem na relação com o sagrado ou divino.

Pode ser que se distanciar da religião, do rito, dos cerimoniais, dos rituais, das celebrações, mas não da crença, não da religiosidade, não do que verdadeiramente se acredita, mesmo na diferença, mesmo na diversidade ou nas adversidades da vida. Deve-se ter fé em algo, alguma coisa ou alguém, um ser, uma representação de uma crença ou não. Se descobrir, se entender e se encontrar em cada ser, um Deus, uma crença, uma religiosidade, uma força ou energia dentro de cada um.

Aos olhos e a luz da razão, discernimento e retidão de pensamento, encontrar a Verdade na vivência cotidiana da sua fé. Resignificar a sua vida.

Aonde acaba a crença na religião, inicia-se a crença na Divindade em cada um, de uma forma ou jeito diferente, um ser vivo ou não vivo, uma Entidade Universal. Diversidade e diferenças no crer e no ser. Em alguma coisa todos acreditam ou creem. Uma transcendência que te eleva, te acalma, te completa ou preenche, aceita e te faz feliz, mesmo que diferente das crenças ou religiões comuns, mas respeitosamente a todos e a todas. Identificação com o Sagrado no humano. Um retorno à Graça.

TEIMOSO

Teimoso, eu!? Teimoso é o coração que não cansa de bater e perseverar. Eu sou só perseverante. Algumas pessoas podem ser teimosas ou perseverantes. Prefiro as perseverantes. Aquele que persevera, não desiste, não esmorece frente às dificuldades, frente aos percalços, problemas e lamúrias da vida. Aquele que tem um objetivo, uma meta traçada e definida, persevera.

O teimoso é obstinado, repetidamente obstinado, aquele que tem um grande apego às ideias, conceitos, gostos e desejos, mas que não se deixa ceder frente a argumentos conscientes, coerentes e fortemente convincentes, mesmos que verdadeiros. O perseverante é aquele ser coerente e consciente; é aquele que tem pertinácia, constância nas ideias, pensamento direcionado, organizado e reflexivo em prol de seus objetivos; qualidade que designa aquele que não desiste com facilidade de suas metas traçadas e definidas racionalmente. Contudo, o persistente mediante argumentação firme, racional, coerente e verdadeira pode alterar e modificar sua forma de pensar e, ainda sim, ser persistente em seus objetivos e metas.

Certa vez uma pessoa de minha mais alta estima, me chamou de teimoso. Retomo e retorno a designação dizendo que não sou teimoso e sim, perseverante. Perseverante na vida digna e honrada, no trabalho honesto e engrandecedor, nas relações respeitosas e fraternas, na família acolhedora e companheira.

Teimoso é o coração incansável no bater, sentir e conduzir a vida cheia de afeto e carinho (muitas vezes sem interferência ou auxílio da razão), especialmente quando se trata daquela pessoa única, digna, linda e especial, que tanto importa. Que ademais as circunstâncias e ocorrências da vida é levada pra dentro... pra dentro do coração. Talvez, e só talvez, nesse ponto eu seja realmente teimoso.

INDIFERENÇA

Sempre pensei que uma das piores atitudes ou comportamentos que se pode ter em relação a outra pessoa seria não ter atitude ou comportamento frente a essa pessoa, enfim, indiferença. Algumas vezes referida como um estado de inercia, tranquilidade de quem não se envolve em alguma situação. Tal estado de falta de atenção, de desinteresse, descaso mesmo e até desdém. Indiferença significa não se importar ou não diferir sua ação em relação a coisas, situações ou pessoas. Me ame ou me odeie, sinta raiva ou afeto por mim, compaixão ou desprezo, goste ou não goste de mim, mas indiferença não. Não sou daqueles que se contentam com pouco ou o que é pior, o nada das coisas, situações ou relações. O mesmo que a mediocridade (médio, meio) não me interessa. Sinta por inteiro, sinta verdadeiro, sinta com força, sinta com vontade, mas sinta!

A indiferença torna tão degradante, tão pérfida, tão humilhante a situação a quem é dirigida, que acaba com a possibilidade de ação e de reação, de conversa e de entendimento. A indiferença é não tornar-se consciente (com ciência), sabedor, ciente de maneira física, psíquica e emocional de outro ser, situação ou relação.

Quão degradante e arrasador é a outro ser, pessoa ou animal não representar nada, não proporcionar nada, não provocar nada, nenhum sentimento ou emoção. Raciocine quão negligente e desinteressante é não tomar conhecimento, se informar, se escandalizar ou se alegrar com determinada situação ocorrente no mundo. Reflita quão desonroso, deselegante e desrespeitoso é não se comover, mover, agir e reagir frente a uma relação, seja ela, amorosa, familiar, de amizade ou mesmo de coleguismo, onde seres humanos se relacionam e inter-relacionam mutuamente. Penso que a indiferença fere, machuca e abala profundamente o vivente que constantemente deve interagir em sociedade, mas, algumas vezes, passa despercebido, irreconhecido e indiferente na vida daqueles que mais lhe importam.

Tive oportunidade de verificar e ponderar sobre tal temática durante uma viagem, onde, no entardecer e início da noite, saindo do hotel onde me encontrava e indo comer

algo em um quiosque ao redor de uma praça próxima, deparei-me com uma senhora. Tal senhora aparentava bastante idade, roupas bem gastas pelo tempo e até um pouco sujas. Vindo em minha direção e pedindo dinheiro para comprar comida, comecei a prestar atenção na pedinte. Após responder afirmativamente e informá-la que poderia pedir o que quisesse para comer que eu pagaria, sentou-se na mesa ao lado, olhou, olhou, se mexeu e remexeu e, por fim, se levantou. Foi até as demais mesas ao redor, chamou, pediu, tentou, tentou, mas sem sucesso, conversar e pedir algo mais, talvez algum dinheiro, não consegui ouvir e descobrir. Novamente, sentou-se na mesa ao lado, chamou a garçonete, sem sucesso. Levantou-se e tentou chamar a atenção do dono do estabelecimento, que estava ocupado com os pedidos, novo insucesso. Sentou-se, levantou-se, andou, tornou a procurar outros fregueses, mas nada. Ninguém nem ligava, nem se importava com a senhora de idade avançada, malcuidada e mal vestida, castigada pelo tempo e, provavelmente, pela vida.

O grau de indiferença foi tanto que foi procurar um local mais afastado para sentar e esperar o aguardado alimento, que, penso eu, algum agrado e alento pode ter dado a um corpo bastante castigado pelas experiências, prazerosas e ou, muitas vezes, desprazerosas da vida. Eu, imerso em meus pensamentos e reflexões, só algum tempo depois me dei conta do sofrimento e das tristezas estampadas tão vivamente no rosto daquela senhora, que poderia ser mãe, irmã, avó de qualquer um, ser ou ser (es) desavisado (s) e indiferente (s).

Prefiro o amor ou o contrário perfeito disso, a raiva ou o ódio; o afeto ou a repulsa do que a indiferença. Qualquer sentimento ou sensação pode ser debatido, rebatido ou modificado mediante atenção, discernimento e muita conversa ponderada e sensata. A indiferença não. O grau de desatenção, desinteresse, desimportância é elevado ao ápice pela indiferença.

Todo ser humano pode fazer ou faz diferença na vida particular, familiar, amorosa, social e comunitária, na qual esta, direta e indiretamente, inserido. Basta reconhecer sua condição e ter atitude para modificar a vida.

INFINITE SOUL OF GOD

The finite of the human search for Infinite. The Infinite in the human search for Infinite Soul in human and in all things, say Hinduism. The scriptures and books of wisdom through time, the science, the great spiritual seers, the progress and art, poetry and beauty of the things, is only and just forms of the meeting God in infinite variations of this messages. The Divine Melody, The One, the Light, God, The Love, the Truth are only variations of the Spiritual Being, Creator of All, live or non-live.

In the sacred text of Hinduism divided into 18 parts or chapters, the "*Bhagavad Gita*" is a dialect by Krishna (representing the reincarnation of God Vishnu or Supreme Divine Opulence) and the Pandavas prince Arjuna, amid an Indian epic battle between two groups the Pandavas and the Kauravas. In Sanskrit, an ancient Indian language, "*Bhagavan*" refers to the Opulence of God or the Supreme Opulence of God, or directly to God ("*Brahman*"). In the "*Bhagavad Gita*" it's reported:

"He is one with Brahman, whith God, and beyond grief and desire his soul is in Peace. His love is one for all creation, and he has supreme love for me".
(*Bhagavad Gita* 18.54)

The three central dogmas for Hinduism are "*Dharma*", "*Karma*" and Reincarnation. The religious significance of the "*Dharma*" relates to destiny, a rule of good conduct or duty. "*Karma*" denotes action, an action of future consequences, work, or law of cause (action) and effect (reaction). Reincarnation refers to the process of transmigration of the soul (spirit, vital breath or "*Atman*", a word widely used in Hinduism, Jainism and Buddhism meaning soul) from a dead body to a return to another living body and subsequent lives. In religious writings it is clear that the soul overlaps the body or, rather, transcends the body. Is written:

“If a man thinks he slays, and he never dies. He is in Eternity: he is for evermore. Never-born and eternal, beyond times gone or to come, he does not die when the body dies. When a man knows him as never-born, everlasting, never-changing, beyond all destruction, how can that man kill a man, or cause another to kill? As a man leaves an old garment and puts on one that is new, the Spirit leaves his mortal body and then puts on one that is new.” (Bhagavad Gita 2.19-22) And completed: “For those who take refuge in me and strive to be free from age and death, they know Brahman, they know Atman, and they know what karma is.” (Bhagavad Gita 7.29) “Brahman is the Supreme, the Eternal. Atman is his Spirit in man. Karma is the force of creation, wherefrom all things have their life.” (Bhagavad Gita 8.3)

The important points worked on text “*Bhagavad Gita*” basically concern the transcendence of the soul, meditation and the search for understanding of things, knowledge of God and of self, surrender and service or worship and devotion to God (“*Bhakti*”), reincarnation and its liberation, as well as the universal, eternal, and omnipresent figure of the soul and of God. According to the “*Bhagavad Gita*”:

“Beyond the power of sword and fire, beyond the power of wathers and winds, the Spirit is everlasting, omnipresente, never-changing, never-moving, ever One”. (Bhagavad Gita 2.24)

The spiritual message of Peace of the “*Bhagavad Gita*” is explained as Truth in us or the Truth of the universe and Infinite Soul of God, is written in text:

“When his soul is in Peace he is in Peace, and then his soul is in God. In cold or in heat, in pleasure or pain, in glory or disgrace, he is even in Him.”(Bhagavad Gita 6.7)

The inner battle of man between his vices and virtues in pursuit of growth and transcendence (Superior Conscience) exists independently of time and space. The sacred text Bhagavad Gita contributes to this reflection.

My Lord and my God striking my soul and calm my heart. Promote the understanding that only in You I am complete and for You I rejoice.

It is worth studying the sacred hindu text!

DUAS COISAS AO MESMO TEMPO

Aristóteles (384 a.C-322 a.C), da região da Macedônia, pesquisador e profundo conhecedor das relações humanas revelou:

“...quando uma pessoa se mantém ativa em relação a duas coisas ao mesmo tempo; a atividade mais agradável àquela pessoa se antepõe à outra, e quanto mais agradável for, mais isso ocorre, de tal modo que a outra atividade chega a ser abandonada. É por isso que quando nos comprazemos de modo excepcional com alguma coisa não nos dedicamos a mais nenhuma, e só fazemos uma coisa quando a outra não nos causa grande prazer...” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro X, 5, pág. 224-225)

O prazer que nos causa determinada atividade pode se contrapor e interferir demasiadamente na necessidade de fazer outra atividade, como o próprio autor citado diz, que “a outra atividade chega a ser abandonada”, ou ainda, fazer essa segunda, terceira ou até mais atividades necessárias de maneira completamente desligada, desfocada e descomprometida, resultando em nenhuma atividade feita com empenho, dedicação ou excelência de qualidade.

A energia motora do cérebro e suas respectivas atividades cognitivas podem ser divididas em diferentes atividades ao mesmo tempo, contudo, alguma delas ou todas elas ficam prejudicadas do ponto de vista da qualidade superior. O mesmo ocorre quando duas ou mais pessoas estão presentes e durante a conversa, toca o celular de uma delas (pode ser computador, pessoas chamando, coisas para fazer... os exemplos se elevam a dezenas ou centenas) e a pessoa atende, continua a conversa com a primeira e a segunda no celular, por mensagem (falada, escrita e ou visual). Além de ter a atenção e as atividades cognitivas, como o pensamento e a fala, divididas, passa a ser uma tremenda falta de consideração e pouca educação. Pense nisso, da próxima vez que acontecer com você e seus amigos!

Isso também vale para estudo, trabalho, atividade física, alimentação, convivência social, relação afetiva/amorosa ou qualquer outra atividade humana. O estudo ou trabalho

só pode ser bem-feito se com completa dedicação e empenho. A atividade física ou a alimentação ser correta, se feita com calma, concentração e elaboração eficiente. A convivência social e as relações afetivas ou amorosas serem produtivas, prazerosas e duradouras, perante a conversa, comprometimento e o respeito de todas as partes. Duas coisas ao mesmo tempo podem ser feitas ou geridas, entretanto, sempre uma sai no prejuízo em detrimento da outra, assim é com tudo.

DE GALHO EM GALHO

Não fique igual macaco, pulando de galho em galho, senão, um dia, o galho pode quebrar e você se estabacar. A razão nos orienta: encontre algo ou alguém que te complete e compartilhe e/ou administre sua vida com responsabilidade.

Na adolescência e início da vida adulta é comum os jovens se deslumbrarem com coisas belas e, especialmente, pessoas bonitas, simpáticas e atraentes. Isso deve ter acontecido com praticamente todos, com pouquíssimas ou raras exceções. Somente ocorre exceção àquele que escolhe ter uma vida reclusa, monástica ou sacerdotal, aos modos de ermitões ou pessoas santas.

Jovens e até alguns adultos, hoje em dia, não tem mais uma relação de pertencimento (não no sentido de posse, mas no sentido de se identificar) com as coisas, seja trabalho, estilo de vida, moda ou mesmo relações afetivas-amorosas. Muitas relações se tornaram superficiais, artificiais (em tempos de internet, mídias e redes sociais) e, em diversos casos, pouco duradouras. Tenho um amigo hoje, amanhã ou depois, disse ou fez algo que reprovoo, ignoro, descarto, deleto ou bloqueio. Amigo é coisa cara, difícil de se conseguir e encontrar, algo especial e importante por muito tempo. O homem ou mulher (casal) por pouco ou muito pouco se separam e voltam a procurar e se interessar por outros, quase instantaneamente. Fazem “*test drive*” como carro, quase como se em uma relação amorosa tudo fosse descartável - testou, usou, aprovou, desaprovou, jogou fora – não se conserta ou tenta acertar as coisas. “De galho em galho, uma hora cai o macaco”, se fere e se perde.

ORIENTAÇÃO

Aristóteles (384 a.C-322 a.C), macedônico e discípulo de Platão, pesquisador e filósofo, nos revelou:

“Sem dúvida, do mesmo modo que a visão é boa para o corpo, a razão é boa para a alma...” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro I, 6, pág. 24)

Na adolescência ou início da vida adulta, às vezes, os jovens perdem a razão, ou parte dela, e tem uma vontade exacerbada de romper as amarras da vida, da família e os laços que os prendem, em grande parte do tempo, em casa, com a família ou em lugares e ocasiões longe dos amigos, tendo ou não, muitas atividades escolares ou extraescolar, com cursos e mais cursos... é teatro, música, instrumento, canto, esportes, inglês ou outras línguas, etc, etc. Para uma boa parte deles, a palavra do momento é diversão, curta e deixe curtir, aproveite e divirta-se, além de tantas outras palavras de significado equiparado.

Deturparam de tal forma, o sentido o *Carpe diem* do poeta romano Horácio, que deixou de ser “Aproveite o dia”, mas significando aproveitar o dia ou o momento presente de maneira edificadora, produtiva, enriquecedora do ser humano e de suas atividades e passou a ser, “Aproveite o dia”, o mais rápido e o máximo que puder em seus desejos e prazeres mundanos, e se, demasiados e desregrados, vis (de maneira a denotar vícios).

Raciocinando na relação de alguns pais e filhos percebi que, especialmente na fase da adolescência dos filhos, os pais podem se sentir sem saber o que fazer para impor limites, dizer não, sem saber como fazer ou o que pensar, pois alguns filhos tornam-se questionadores, desrespeitosos, desligados com os assuntos da família, dispersos com os pedidos ou ordens dos pais, intransigentes e, as vezes, com algumas atitudes inconsequentes; bem como, negligentes com suas atividades diárias (principalmente na escola e nos afazeres cotidianos domésticos, da casa e da família). A violência familiar não leva a nada, pelo contrário, pode piorar e muito a situação. No entanto, os pais devem impor sua autoridade, mostrar sua responsabilidade por uma pessoa ainda em fase de

formação de suas faculdades psíquicas, intelectuais e físicas, bem como, oferecer seu respeito, carinho e apoio nas mais diversas situações da vida.

Jovem, vale lembrar que, enquanto não tiver maioria e plena responsabilidade pelos seus atos; um salário digno para se manter e pagar suas contas e seus impostos; além de uma casa para morar e formas de se sustentar; obedeça e respeite seus pais e/ou responsáveis. Eles (os pais) já viveram o suficiente e, mais do que vocês, para saber o que é bom e favorável à vida de vocês mais jovens. Eles sabem distinguir o que é necessidade e do que é vontade, e querem o melhor para a família. Tem mais experiências e, normalmente, conseguem discernir acertadamente sobre o certo ou errado, o correto e o incorreto, o digno e o indigno, o bem e o mal; em muita coisa com nas relações, nas amizades, nos relacionamentos, nas atividades profissionais, nos lazeres cotidianos, nos gastos e aplicações econômicas da família.

Jovem, quando tiver a sua casa você pode fazer quase tudo, desde que não seja ilegal e imoral. Pode acordar e levantar a hora que quiser, comer no momento e o que quiser, sair e voltar de onde e para onde quiser (com quem quiser), dormir quando e com quem quiser, e assim sucessivamente, sem precisar dar satisfações a mais ninguém. Auto lá! Há não ser seus pais, avós e familiares responsáveis, mesmo com a maioria, saindo de casa e constituindo nova família, com cônjuge e filhos, com autonomia de ir e vir, além de ter garantido um bom ganho econômico ou salário; porque mesmo assim eles (pais ou parentes mais próximos) são e não deixam de ser seus familiares e responsáveis por você até o fim da vida deles ou, o que é pior e mais triste, até o fim da sua vida (o que vier primeiro).

A solução ou resolução (re = novamente, e solução, torna-se uma constante) desses empecilhos passa pela busca incessante do diálogo entre as partes interessadas podendo, os pais, demonstrarem suas experiências por meio do exemplo de vida madura e responsável; relatar seus acertos e erros como forma de aprendizado contínuo; explicar fatos e acontecimentos do dia-a-dia; buscar a compreensão e o entendimento, e; estimular o raciocínio lógico entre as diferentes relações entre pais e filhos. Os filhos, por sua vez, se tornarem mais atentos, compreensíveis e receptivos aos ensinamentos dos mais experientes.

Conselhos e sugestões aparecem na obra “Ética a Nicômaco” sobre como agir nesses casos:

“Porém, é difícil receber desde a infância uma preparação correta para a virtude se não nos criamos sob leis apropriadas; com efeito, viver resolutamente uma vida temperante não é uma coisa que seduza as pessoas em sua maioria, sobretudo quando são jovens. Por esse motivo, a maneira de criá-los e suas ocupações deveriam estar estabelecidas em lei, pois tais coisas deixariam de ser penosas quando se tornam hábitos. Mas certamente não basta que recebam a educação e os cuidados adequados quando são jovens: visto que mesmo quando se tornam adultos devem praticá-las e estar habituados a elas, necessitamos de leis que também abranjam esta idade e, de maneira geral, a vida inteira, pois as pessoas, em sua maioria, obedecem mais à necessidade que aos argumentos, e mais aos castigos que ao sentimento daquilo que é nobre.

Por isso, alguns pensam que os legisladores deveriam estimular homens à virtude e instá-los com o apelo de que é nobre, partindo do pressuposto de que aqueles que já progrediram pela formação de hábitos, serão sensíveis a tais influências; e que seria conveniente impor castigos e penalidades aos que são de natureza inferior, enquanto os incuravelmente maus seriam definitivamente banidos. Uma pessoa boa, pensam eles, visto que vive com o pensamento fixo no que é nobre, submete-se à argumentação, enquanto a pessoa má, que só se norteia pelo prazer, será corrigida pelo sofrimento, como uma besta de carga. Por essa razão dizem também que os sofrimentos infligidos devem ser os mais contrários aos prazeres que essas pessoas anseiam.

De qualquer modo, a que pessoa que queremos tornar boa deve ser bem exercitada e habituada, passando depois no curso de sua vida em ocupações conforme a excelência moral e abstendo-se de praticar voluntariamente ou involuntariamente, ações más; e se isso pode ser alcançado se os homens vivem de acordo com uma espécie de reta autoridade paterna, na verdade, não tem a força ou o poder coercitivo necessários (como, aliás, em geral não tem a autoridade de um homem só, a não ser que se trate de um rei ou algo parecido), porém a lei tem esse poder coercitivo, e é ao mesmo tempo uma regra baseada em uma espécie de sabedoria e razão prática. E enquanto as pessoas comuns odeiam os homens que contrariam os seus impulsos, ainda que tal oposição seja justa, a lei não lhes é opressiva ao ordenar o que é bom”. (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro X, 9, pág. 235-236)

O filósofo tem razão em afirmar que a educação, os bons ensinamentos e, em casos severos, a coerção ou repressão devem direcionar e ordenar o homem, sobretudo o homem bom.

No meu caso, os ensinamentos e a possibilidade de coerção/repressão deram bons resultados. Como muitas crianças que cresceram em cidadelas, no interior do país, lugar pequeno e com a maioria das pessoas conhecidas, vivi uma infância e adolescência caminhando e percorrendo ruas, esquinas, praças e campos para brincar, me divertir, me distrair e, como era de se esperar, às vezes, surgiram algumas desavenças e brigas com colegas e amigos mais próximos. Nada muito sério, pois com o passar de poucas horas, na maioria das vezes, eram feitas “as pazes” e tudo retornava à normalidade. Coisa corriqueira do final da infância e início da adolescência! Minha juventude, sobretudo na fase de transição de criança a adolescência e início da vida adulta, vivi uma época alegre, contudo, conturbada com alguns amigos, sendo engendrado em algumas disputas e brigas. Justamente, por estar sempre metido em brigas e minha mãe, já cansada de tanto tentar me educar da maneira correta e tentar arrumar as coisas, no uso de sua aguçada filosofia empírica, experiência de vida e muita psicologia infantil, disse-me certa vez:

“- Se você brigar ou arrumar encrenca na rua, quando chegar em casa vai apanhar. Se você brigar na rua e apanhar, quando chegar em casa vai apanhar mais. E, se você brigar na rua, apanhar e não me contar ou mentir para mim, vai apanhar muito mais. ”

Pensei: “- A solução é não brigar de jeito nenhum. Se caso ocorrer, não apanhar de nenhuma maneira e se, caso acontecer algo ou desavença séria, demorar muito para voltar para casa, no mínimo. Resultado... me tornei um cara extremamente pacífico, porque, senão de todo jeito, iria apanhar da minha mãe (risos). O que pouquíssimas vezes foi realmente necessário. Venho de um tempo onde as crianças eram educadas com a ideia de que em “se batendo, a criança cresce”, mesmo que seja com dó, pena ou piedade, como a grande maioria das mães fazem e, a minha mãe não era diferente. Mesmo que, na atualidade, qualquer forma de violência contra criança, adolescente ou qualquer outra pessoa, seja totalmente descabida e tendo outras formas de resolução, com muita calma, diálogo e orientação e, se necessário, repreensão, coerção e punição não violenta, em casos extremos de intolerância ou desordem.

Refleta, o que está faltando, autoridade e atitude enérgica dos pais? Atenção, discernimento, respeito e orientação aos filhos? Uma escola preocupada, acolhedora e

transformadora de relações e pensamentos tão distintos entre pais e filhos? Uma sociedade mais preocupada e socialmente engajada em formar cidadãos responsáveis, cientes dos seus direitos, mas principalmente, dos seus deveres? Ou tudo isso e mais um pouco? Espero que tenha auxiliado a, pelo menos, refletir, razonar (origem da palavra no francês *raisonner*, significando raciocinar, razoar) sobre a melhor orientação nesses casos. Pense, discuta com os interessados e tire as suas próprias conclusões.

FELICIDADE

Segundo o macedônio Aristóteles (384 a.C-322 a.C) a felicidade consiste:

“Mas a felicidade consiste na atividade conforme à virtude, será razoável que ela seja também uma atividade em consonância com a mais alta virtude, e essa será a virtude do que existe de melhor em nós. E isso que existe de melhor em nós – quer seja a razão, quer seja alguma outra coisa esse elemento que pensamos ser o nosso guia natural e que nos dirige, tomando a seu cargo as coisas mais nobres e divinas, e quer seja ele próprio divino, ou somente o elemento mais divino existente em nós – sua atividade conforme à virtude que lhe é própria, então, será perfeita felicidade. Já dissemos antes que essa atividade é contemplativa”. (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, Livro X, 7, pág. 228-229)

Aristóteles define felicidade a partir de uma atividade virtuosa em consonância com a razão e o entendimento do ser, individualmente.

Hodiernamente, as pessoas associavam felicidade à riqueza material, sucesso profissional e pessoal. Na atualidade, há uma busca crescente pelas virtudes espirituais, especialmente, por pessoas racionalmente e espiritualmente evoluídas e, que buscam algo mais, um objetivo maior, na vida. Cada um deve achar seu caminho, alguns podem apontar a trajetória das religiões, como as religiões cristãs, outros no judaísmo ou islamismo, só para citar as correntes mais difundidas, outras pessoas buscam correntes de pensamento filosófico presentes no hinduísmo, budismo, taoísmo, além de fazer uso de técnicas de concentração e meditação. Conquanto, a meu entender, a felicidade pode consistir em reconhecer a importância de sentimentos e emoções desagradáveis que tivemos no passado como aprendizado e utilizá-las como um parâmetro comparativo para momentos presentes agradáveis, alegres e fugazes da vida.

O ator, diretor de teatro e apresentador, Antônio Abujamra (1932-2015) dizia uma das minhas frases preferidas: “Felicidade é uma ideia velha”. Certamente, é uma ideia velha pois só temos convicção da felicidade quando ela já passou e não existe mais. Um restício

de alegria, permissiva, eufórica e fugaz, como tem que ser. Pois, de outro modo, não seria
felicidade e não nos lembraríamos, melancólicos, dela.

PRUDÊNCIA E RAZÃO

Veza ou outra, num determinado momento, uma hora ou outra, todos passamos por momentos desagradáveis e de grande nervosismo. Acontecimentos fortuitos do dia-a-dia, casualidade diária, desavenças cotidianas, desacertos, enganos e instantes de irritação e certo descontrole. Entretanto, manter a serenidade, ser prudente e usar a razão são, independente do que tenha acontecido, as opções mais acertadas. Por vezes, temos que nos controlar, ponderar, raciocinar ou refletir, bem como, esperar o momento oportuno e, sem sombras de dúvidas, o instante mais tranquilo para conversar e acertar as coisas.

A conversa tranquila, sincera e respeitosa é sempre importante e devemos fazê-la acontecer de maneira mais prudente e reflexiva. Acontecimentos imprevistos e chateadores, que nos deixam tristes e acabrunhados ocorrem e vão ocorrer durante toda a vida, mas ter uma atitude mais ponderada pode ser uma escolha acertada.

A autoridade de quem fala para quem escuta deve ser reconhecida, sobretudo no “seio” da família, na amizade ou em qualquer outra relação humana, com uma convivência pacífica e digna. Na família, a autoridade da mãe, do pai, dos avós, dos irmãos mais velhos ou dos parentes mais próximos deve ser estabelecida e reconhecida. De outra forma, o filho, a filha, o adolescente ou o jovem tem a possibilidade de se perder por entre caminhos tortuosos e desonrosos no curso da vida. Por que não reconhecer a autoridade daquele que te viu nascer, que te conhece mais do que qualquer outra pessoa no mundo, daquele que tem mais experiência e vivência do que você e, sobretudo, que se preocupa e gosta muito de você?

Muito acertadamente, essa ou essas pessoas só querem que o filho, filha, adolescente ou jovem cresça, se desenvolva e amadureça, bem como se tornem pessoas melhores, melhores cidadãos, melhores familiares, melhores profissionais, com senso de responsabilidade, bem como, pessoas sérias, dignas e honradas.

A família pode parecer desunida e desconforme com o que poderia ou deveria ser segundo nosso ideal de convivência, mas cabe a cada um de nós, membro importante desta

família, fazer a sua parte para torna-la melhor para todos. Prudência e razão estão diretamente ligadas a essa ideia. Sejam mais coerentes, ponderados e reflexivos para evitar situações-problema ou desgastes e aborrecimentos futuros.

Todavia, vale o alerta: “O peixe morre pela boca e apodrece pela cabeça”. Prudência e moderação ao falar, atenção ao escutar e cuidado no que pensar. Atributos importantes para qualquer convivência sadia, pacífica, duradoura e enriquecedora.

PENSAMENTO POSITIVO*

Vai dar tudo certo! Sua hora vai chegar! Pensamento positivo. O mundo conspira a favor! Isso faz toda diferença!? Mas, a gente nunca sabe o que esperar ou o que vai acontecer na vida. Plante o bem, a honestidade e o esforço pessoal para colher uma recompensa à altura. É nisso que acredito. Claro, precisamos de um pouco de estímulo e ou recompensa, pois senão desanimamos ao longo dessa difícil empreitada. Ter empatia, se cercar de pessoas que reconhecem e sabem o que é isso, boas vibrações. Otimismo e “pé no chão”, como dizem uns. Mas, às vezes, não podemos deixar de nos desanimar, o mundo nos derruba no chão. Levante, tenha persistência, pois você vai conseguir, ou melhor, vamos conseguir.

Não deixe de tentar ser feliz. Sempre encontramos algo que nos deixa satisfeitos. Ser feliz são pequenos e rápidos momentos bons na vida. Agradecer por estar vivo e bem. Poder disfrutar deste momento já é uma benção. Olhar para frente e agradecer pelo que conseguimos. Não perder a capacidade de sonhar, de conquistar novas coisas, pessoas, momentos. Isso que é otimismo! Há muito tempo não sonho, talvez evite frustrações e decepções, mas preciso, precisamos disso. Os sonhos antecipam realizações. O planejamento e dedicação transformam o sonho em realidade. Não esperar nada, mas se preparar para algo bom que pode acontecer, já será bem-vindo.

Como disse um grande amigo: “Sabe, quando se aprende a nadar, tem uma coisa que o treinador fala e é a mais pura verdade. Para onde você virar a cabeça, o corpo te acompanha. Se você olhar para o fundo, irá para o fundo, de fato. A vida também é assim. Então, meu amigo, se anime e olhe para cima. ”

Se ver no lugar onde quer estar. Faça um plano de vôo para estar lá. O tempo pode estar ruim, mas seu plano de vôo está bem feito, tem escalas, mas chega ao destino. Pense que as dificuldades fazem parte da sua formação. Lidar com as adversidades, te faz mais forte, mais maduro, mais sábio.

Segundo ele me relatou: “Sempre pensei que cada um tinha um relógio pessoal. Cada um tem seu tempo. Se perde coisas o tempo todo na vida, entretanto, algumas são muito importantes para nós. A vida pode nos dar outras.”

Na sabedoria da tradição hindu, *“The Bhagavad Gita”* nos ensina sobre as lutas que enfrentamos na vida e de como lidar com o destino com fé na Força Suprema. As lutas nos fazem serem humanos melhores. Por pior que pareça, isso faz toda a diferença. Tem sempre alguém numa situação pior que nós. Diz ele: “Por isso não peço mais nada para Deus, só agradeço pelo que tenho e pelo que me livrou. Já faço isso a vários anos.” No meu caso, peço por aqueles que não consigo ajudar ou cuidar. Pelos amigos e entes queridos que estão longe, por exemplo. Não está nas nossas mãos. Disse ele: “Vibrando positivamente pelo próximo.” Às vezes é somente o que se pode fazer. E continuou: “Esta boa energia está presente na vida de quem ou pra quem você pediu. Pelo menos minimiza a dor e reconforta a alma. A vida é um aprendizado constante.”

A humanidade está vivendo tempos sombrios. A energia negativa se expande em larga escala. Ou será que sempre viveu tempos assim? Historicamente, já passamos por tempos tenebrosos, com guerras, genocídios, fome, desastres e grandes tragédias. Mudança de era!? Será que a humanidade sempre não viveu essas coisas? Ou só está mais evidente a desunião e a falta de amor? Sempre existiu, mas não nessa escala? A mídia teve ou tem papel decisivo plantando valores, discursos ideológicos, intolerância? Mas, onde ficam as responsabilidades individuais? O ser humano só se enxerga como humano, quando reconhece o outro. Os ensinamentos e bons exemplos estão aí, como sempre estiveram. Mais evidentemente, ainda hoje, pelo advento da internet e mídias eletrônicas. Mas, e a massificação dos maus exemplos? As pessoas podem pensar e escolher. A valorização de coisas fúteis, inúteis e sem força moral ou ética, estão aí também. A família perdeu espaço e valores morais e éticos não são passados. Perdeu ou espontaneamente ela se libertou ou doou seu espaço? Hoje, uma parte considerável, dos pais passam o dia trabalhando e não criam os filhos com bons valores ou bons exemplos. Passam a maior parte de tempo com a empregada, em casa, ou com o professor, na escola. Será que a humanidade não procurou isso? Buscaram independência financeira, liberdade, sucesso profissional e novas

experiências pessoais. Isso acontece com pais, ou mesmo, filhos que logo serão pais e o ciclo recomeça. No mundo contemporâneo, como deve estar a preocupação dos pais com o futuro dos filhos? Os pais devem ser mais presentes e participativos para ensinar valores positivos e orientar. Existem pais que acham que isso deve ser ensinado nas escolas, pois não tem tempo para isso. Delegam a obrigação de uma educação, no sentido mais amplo da palavra, ao professor que passa uma pequena ou ínfima parte do tempo, ou do dia, com filho ou filha, enquanto, pai e mãe são para toda vida. A escola pode auxiliar, na medida das suas condições, mas a missão é dos pais, e para toda a vida.

Pense positivo e aja positivamente, com responsabilidade diante de tudo e de todos, pais, filhos, irmãos, amigos, sociedade e isso pode fazer a diferença. Tudo vai dar certo!

RECONHECER O AMOR

Reconhecer essa potência, essa força e ou essa energia que irradia e transforma tudo e todos. Não basta olhar para fora para reconhecer o amor, temos que procurar em um lugar mais próximo, mais fundo, dentro de nós mesmos. Não basta procurar ou olhar para o lado de fora, para o exterior, temos que olhar no lado de dentro, no interior de nós mesmos e encontrar a resposta. Reconhecer essa Centelha Divina que brota e faz crescer todas as coisas boas, dentro e fora. Fagulha da Potência Divina que resplandece em nós e para nós, bem como, para todas as outras coisas do cosmos com tanta força, tanta energia que enche nossos corações e reflete em tudo a nossa volta.

Eu encontro o amor no nascer e no pôr do sol, no desabrochar e no cheiro da flor, nas atitudes solidárias e generosas de quem sabe olhar para o outro e se reconhecer, na satisfação de encontrar alguém especial, no olhar nos teus olhos e ter o prazer de segurar a tua mão. Encontro o amor no carinho e afeto do filho para comigo e para com os outros seres humanos, seres humanos, por vezes, falhos e cheios de vícios, por vezes, dotados de amor e da capacidade de amar, que transparece sua relação com o Divino. Amor, algo tão sublime, poderoso e inesgotável advindo da Divina Potência e Divina Providência.

IGNORÂNCIA

Nossa ignorância nos impede de ver e entender que algo pode e deve ser feito em prol de outras pessoas e de nós mesmos, se quisermos passar pela transcendência e nos reconectarmos com Deus. Independentemente, da interpesonificação de um ou mais deuses, o que depende da crença, ou ainda, de uma Força ou Energia Onipresente e Onipotente de um Ser Misericordioso, vale a possibilidade de resolução das imperfeições existenciais, dimensão excelsa da religiosidade.

Renuncie a si mesmo e reaprenda a associar busca de sabedoria e evolução na existência cotidiana. Ato reflexivo fundamental do ser humano em torno do saber.

A Totalidade na simplicidade, a Simplicidade no Todo constitutivo. A Plenitude do ser, a Verdade manifestada no ser. A Universalidade da vida presente em nós, individualizada e compartilhada. Categorias circunstanciais, tomar consciência de si e da parte constitutiva do Todo.

AS RIVERS

We are all connected, everything and everyone is part of me, just as I am part of everything and everyone. The sacred scriptures known as “The Upanishads” shows us that:

“As rivers flow into the sea and in so doing lose name and form, even so, the wise man, freed from name and form, attains the Supreme Being, the Self-Luminous, the Infinite.”(The Upanishads: breath of the eternal, The New American Library, p. 48, 1957)

Meet an Ocean of the live, peace and happiness where yourself we meet again with the Creator. Nearer my God to Thee, so close that we’re one, in only one place. I take my refuge in Thee and reveal myself to me. Words cannot express anything that. Who is the Infinite, who is the Immortal, Who is the Greater, the Supreme God. The Being who dwells in all things non-living and living, in the mind, in the heart, and all being, that is the One. The One in each one of us, one in One, The Self, The God.

He is in all, He is One, without beginning, middle, or end. He as the Self is infinite and indivisible. He hear all, He sees all, He smell all, He taste all, He touch all, He feel all. “The Upanishads” said about the Self to us that:

“From me all emerge, in me all exist, and to me all return.”(The Upanishads: breath of the eternal, The New American Library, p. 116, 1957).

It makes me wonder, it really makes me wonder. So, listen to this very hard, when all are One and one is All, the All in all beings, life and nonlife. A new day will dawn, and will we reborn again in new form with God.

ALGUÉM QUERIDO

Alguém que se tem muita estima, alguém que se tem muita consideração, alguém que é muito querido, que deixou boas lembranças e história, vez ou outra, parte sem nos deixar saída ou opção. Parte para outro lugar, outras experiências, outras companhias, outros caminhos, outros destinos, outra vida. Se, de alguma forma, essas duas pessoas estão ligadas, por laços de sangue, parentesco, amizade, carinho e ou consideração, um sentimento de perda pode surgir e tornar tudo, ainda, muito mais difícil. Um sentimento semelhante àquele de alguém que perde um membro ou parte do corpo, por exemplo, um braço ou uma perna. Sabe-se e se recorda da existência do mesmo, de alguma forma algo lembra que aquela parte estava ali, conhece como era estar ali e entende que algo ainda ficou ali, mesmo que seja uma parte ínfima, ficou misturado, impregnado, preso e amarrado algo, daquela parte ou ser, no corpo, no ser, na mente e na alma daquele que sente. Alguém querido está e, de alguma forma, sempre estará comigo e em tudo que faço, sou e estou. Parte do mesmo ser. Algo ainda fica nas boas lembranças, nos bons ensinamentos, nas histórias alegres, na experiência vivida e convivida, de maneira respeitosa e acolhedora, dessas duas almas, separadas pela vida, mas unidas por um sentimento mútuo.

CONCENTRATION, MEDITATION AND LOVE

In the ancient and sacred book of Hinduism "*Bhagavad Gita*" it's reported:

"For concentration is better than mere practice, and meditation is better than concentration; but higher than meditation is surrender in love of the fruit of one's action, for on surrender follows peace."(Bhagavad Gita 12.12) And after completed: "Works of sacrifice, gift, and self-harmony should not be abandoned, but should indeed be performed; for these are works of purification." (Bhagavad Gita 18.5)

Concentration, meditation, and love in a humble heart, beyond works of sacrifice, self-control and harmony, it's very important to the well-being of the soul of us all.

GOSTO PELO ESFORÇO

Se diz em francês *“Le goût de l’effort”*, algo como *“O gosto pelo esforço”*.

Minha mãe ia mais fundo e dizia, sem nenhuma sombra de dúvida, para dar uma injeção de ânimo e vontade aos filhos: *“A vida é dura para quem é mole”*. Vida dura, insucessos, desventuras, erros, mal resultados ou o fracasso pode estar presente em todas as relações humanas, na vida social, na vida profissional, na vida afetiva, na vida compartilhada, na vida fraterna, na vida acadêmica (na escola) e assim sucessivamente. Por exemplo, na escola, os filhos ou filhas, utilizam e são avaliados, em sua maioria, pela memória e a capacidade de utilizar tais informações, o que ainda encontra lugar nos exames, provas, seminários, trabalhos práticos e outras atividades avaliativas corriqueiras. Por que não utilizar outras formas de avaliar intelectualmente os alunos da atualidade e pensar sobre isso? Raciocinar e ponderar sobre o que já se sabe, relacionar informações pré-existentes, comparar conhecimentos adquiridos, criticar construtivamente os conceitos e valores costumeiros, ir além do que for apresentado, fazer recortes intelectivos e funcionais do que se conhece, buscar outras referências e novos conceitos, memorar o que foi aprendido, buscar o que não se sabe, bem como, pesquisar informações atuais pela internet, mídias sociais ao alcance das mãos na interação de um simples toque no celular.

Por que não aproveitar todas essas possibilidades na educação? Por que nossos futuros profissionais ou cidadãos deixam tanto a desejar na atividade exercida, na vida social, no seio familiar com atitudes execráveis? Tais questões foram ou não levantadas, trabalhadas e cobradas na vida escolar, social e familiar? Será que os filhos e filhas, alunos e alunas, perderam o gosto pelo esforço e excelência nas atividades humanas? Se exauriu, o gosto pela dedicação ao estudo e pelas boas coisas?

Na escola, no trabalho, na vida pessoal ou em sociedade, precisamos também a procura incessante da excelência nas atividades escolares e laborais, na convivência cidadã, na vivência familiar, no companheirismo fraterno, bem como, em todas atividades exercidas ou partilhadas. Excelência, deriva do latim *“excellentia”*, de modo a designar um

estado ou qualidade de excelência, do que é bom, com grandeza. Além do mais, significa fazer mais e melhor, exceder as expectativas ou o esperado. Uma qualidade do que é excelente; qualidade muito superior, bem como, um tratamento que se confere a pessoas das camadas mais altas da hierarquia social em uma sociedade.

Boas escolhas, dedicação e esforço no que se quer, deseja, precisa ou necessita é condição *"sine qua non"*, ou seja, indispensável para minimizar condições desfavoráveis e, provavelmente, aumentar as possibilidades ou chances existências de se ter sucesso. Excelência no que se faz ou se quer deseja fazer, além de desempenhar com primor o que o universo nos coloca no dia-a-dia, seja na sociedade, no mundo do trabalho, na família e nas relações humanas.

Diria Bento de Núrcia (São Bento para os cristãos, de 480 a 547) como lema da ordem dos Beneditinos, na Idade Média:

"Ora et labora et legere". (Ore, trabalhe e estude.)

Poderia valer ainda hoje!? Vale o raciocínio sobre a temática!

PADRÕES

No Universo, na natureza, nas coisas não vivas e vivas (como os animais ou o próprio ser humano, composto de células, átomos e partículas) existe um padrão, algo em comum, uma mesma representação matemática, geométrica, física, algo do divino e, em algumas pessoas, isso torna-se mais evidente. Claramente, no padrão de formas, de beleza, simplicidade e ao mesmo tempo, complexidade, algo sublime e indescritível encontramos no universo e na natureza, mas também encontramos no olhar, no sorriso, na delicadeza e maciez do corpo da pessoa querida, no cheiro da pele, no cabelo, no jeito. Tudo que representa o padrão definido e universal das coisas.

Padrões tanto nas escalas microscópicas (atômica, subatômica ou quântica) e macroscópica (astros, planetas, constelações, galáxias) encontram um modelo e uma constante repetição e representação. Sejam os elétrons se movimentando em torno do núcleo do átomo ou num grupo de planetas, nos fenômenos de rotação e translação (girando em torno de uma estrela maior, como o sol); seja no fluxo de água de tributário ou afluente menor em direção a um rio maior, formando uma bacia hidrográfica; seja o sistema circulatório ou cardiovascular, formado por vasos ou veias menores que se encontram com vasos maiores e são geridos e organizado pelo coração, no centro do sistema, um padrão matemático, geométrico e físico se repete.

O padrão matemático e físico das coisas, por exemplo, pode estar expresso nos trabalhos do cientista inglês, Isaac Newton (1643-1727) no seu Princípios Matemáticos da Filosofia Natural (conhecido simplesmente como *Principia Mathematica*, edições de 1687, 1713 e 1726) revolucionou o mundo e as Ciências Naturais, com a introdução e discussão da mecânica dos corpos, demonstrou as leis de Kepler e os movimentos dos planetas, bem como, a lei da gravitação universal, um fenômeno de atração e movimentação de objetos em direção ao centro. O cientista alemão, Albert Einstein (1879-1955) tratou a gravidade como a curvatura formada no espaço-tempo do objeto sólido (que tem massa e ocupa lugar

no espaço), conforme os trabalhos sobre a teoria da relatividade (1905, 1907, 1915). Posteriormente, foi predito em 1964, pelo cientista britânico Peter Higgs (nascido em 1929) e, provisoriamente confirmada em 2013, o modelo padrão de partícula que representa uma explicação a origem da massa distinta de outras partículas elementares, denominada “Bóson de Higgs” (conhecida popularmente com a “partícula de Deus”), que contribuiu para uma nova forma de compreensão física das coisas. Do mesmo modo que esses trabalhos iluminaram e avançaram com o saber e o compreender das coisas, algumas pessoas revolucionaram nossas vidas e a forma de ver e entender o mundo. Mostraram caminhos e ensinamentos intuitivos e até místicos de uma verdade espiritual prática, até então desconhecida e ignorada, que podemos ensinar, aprender, entender e respeitar.

Um padrão e uma repetição matemática, geométrica, física e prática, não apenas subjetiva ou filosófica, mas científica e racional que sugere uma inclinação para considerar que, em todo o cosmos e dentro de nós, algo com propriedade, seja de partícula, seja de onda, que até podem estar na forma de onda sonora, que vibra e produz sensações sonoras, que reverbera como uma Melodia Divina por todo universo (ou universos possíveis), uma psico-acústica que pouquíssimos de nós estão aptos a ouvir e a apreciar como a Palavra de Deus.

Ludwig van Beethoven (1770-1827) um dia escreveu as seguintes palavras:

“Don’ t only practice your art, but force you way into it’s secrets, for it and knowledge can raise men to the Divine”. (BEETHOVEN)

““Não pratique somente sua arte, mas se esforce para descobrir seus segredos, pois ela e o conhecimento podem elevar os homens ao Divino”. (BEETHOVEN)

CLÁSSICOS

O que faz de um texto ou livro clássico? Obra literária lida e relida, comentada e explicada ao longo do tempo? O que torna simples frases interligadas em um conto clássico, estudado e aprendido por crianças, jovens, adultos ou idosos? Um fragmento escrito, crônica, comentário, poesia ou prosa, história clássica que suscita algo no leitor? O que torna fragmentos ou pequenos texto, em literatura sagrada ou religiosa de importância singular? O clássico promove introspecção, pensamento e autoconhecimento, além de um novo olhar sobre a obra literária? O texto clássico possibilita novas e interessantes releituras independente do período de tempo passado? Talvez, há que se pensar em tudo isso e um pouco mais.

Exemplos na literatura mundial não faltam para os apreciadores de obras escritas clássicas, muitas tradições transmitidas oralmente (pela fala) e contos, parábolas ou histórias, pelos mais velhos as novas gerações, de geração em geração, até os dias atuais. Sem autor ou autores conhecidos, bem como, local de origem incerto e data de escrita ou tradução desconhecidos, como é o caso do épico de Gilgamesh (oriunda da Mesopotâmia, região antiga próxima ao Irã e Iraque), com registro escrito em tábuas de argila do século VIII a.C., provavelmente falando de um monarca da Suméria por volta do século XXVII a.C.

O Mahabharata, o Bhagavad Gita e o Ramayana, épicos históricos e sagrados indianos. O Mahabharata é épico recontado pela tradição oral na Índia, remontando há mais de cinco mil anos. O Bhagavad Gita é um texto colocado como parte do Mahabharata e trata da narrativa de um diálogo entre o príncipe Pandava Arjuna e seu guia, reencarnação do deus hindu Vishnu, chamado de Krishna. O Ramayana relata as aventuras e a viagem do príncipe Rama, um dos avatares do deus Vishnu, provavelmente datado de 500 a 100 a.C.

Além, é claro, dos textos religiosos consagrados do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. O Judaísmo (a Torá, contendo os textos hebraicos com os cinco livros de Moisés, os ensinamentos e a lei judaica). No Cristianismo (a Bíblia, com uma coleção de textos sagrados de inspiração divina) com textos dos livros do Antigo Testamento (provavelmente entre 1500 a.C. a 450 a.C.), bem como, textos do livro do Novo Testamento (em torno de 45 d.C. a 90 d.C.). No Islamismo, os muçulmanos creem que o Corão ou Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé ou Muhammad (Meca, 571 - Medina, 632) ao longo de um período de vinte e três anos pelo arcanjo Gabriel.

As epopeias consagradas da *Ilíada* e *Odisseia* são dois poemas épicos da Grécia antiga, atribuídas a Homero, que viveu por volta do século VIII a.C., o primeiro relata o último ano da guerra entre Tróia e Atenas, bem como, a saga do herói e protagonista Aquiles. Já, o segundo, em sequência, relata o regresso de Odisseu (ou Ulisses) para sua terra natal, Ítaca, enfrentando diversas aventuras entre demônios, deuses e ninfas.

Ética a Nicômaco, uma das principais obras filosófica do grego Aristóteles (Estagira, 384 a.C. - Atenas, 322 a.C.), discípulo de Platão e, conseqüentemente, dos ensinamentos repassados pelos diálogos de Sócrates sobre ética, virtude, hábito e prudência, com algumas discordâncias.

A obra autobiográfica *Confissões*, escrita entre os anos de 397-400 d.C. pelo africano convertido ao cristianismo e conhecido como Santo Agostinho (Tagaste, 354 – Hipona, 430) onde o autor narra sua história de vida desregrada até sua conversão ao Cristianismo, suas meditações espirituais e ponderações sobre o tempo, sobretudo no livro XI das *Confissões*.

A *Divina Comédia*, poema épico/teológico italiano, escrito por Dante Alighieri (Florença, 1265 d.C. - Ravena, 1321 d.C.) e relata busca de Dante por sua amada no Inferno, o Purgatório e o Paraíso, acompanhado em grande parte pelo poeta Virgílio.

O príncipe, do escritor italiano, Nicolau Maquiavel (Florença, 1469 - 1527), escrito em 1513 e publicado postumamente, em 1532. A obra trata das maneiras estratégicas de gerir e garantir os negócios públicos internamente e externamente, bem como, conquistar e manter o poder, como por exemplo, na forma de um principado.

Os Lusíadas, obra épica publicada pela primeira vez em 1572, do português Luís Vaz de Camões (Lisboa, 1524 - 1579 ou 1580) descrevendo a descoberta do caminho comercial marítimo para a Índia pelo explorador português, Vasco da Gama.

As obras de William Shakespeare (Stratford-upon-Avon, 1564 (batismo) - 1616), a tragédia Romeu e Julieta como escrita entre 1591 e 1595, que conta sobre dois adolescentes cuja morte acaba unindo suas famílias, outrora sempre a volta de discussões e brigas. Macbeth, peça que se acredita tenha sido escrita entre 1603 e 1607, tragédia onde Macbeth ambiciona e planeja se tornar rei. Rei Lear, peça trágica escrita em torno de 1605, inspirado por antigas lendas britânicas, onde o rei enlouquece após ser traído por duas de suas três filhas, às quais havia legado seu reino de maneira insensata. Hamlet, escrita entre 1599 e 1601, conta os percalços do Príncipe Hamlet que tenta vingar a morte por envenenamento de seu pai. A história da peça trata de traição, loucura, sofrimento, vingança, incesto, corrupção, reflexão e moralidade.

O romance moderno, Don Quixote de La Mancha, obra publicada em 1605, do espanhol Miguel de Cervantes (Alcalá de Henares, 1547 - Madrid, 1616). A obra conta do protagonista e fidalgo Don Quixote (que perde a razão e sucumbe a imaginação) e seu fiel companheiro, Sancho Pança (de visão mais realista), que vivem diversas aventuras por três viagens por terras da Mancha, de Aragão e da Catalunha.

A origem das espécies (primeira edição de 1859), no qual o naturalista, geólogo e biólogo britânico, Charles Darwin (Shrewsbury, 1809 - Downe, 1882) apresenta argumentos para embasar a Teoria da Evolução das Espécies, discutindo evidências abundantes da evolução das espécies, diversidade biológica e processo de seleção natural dos seres vivos.

Os clássicos realistas de Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839 - 1908), a obra intitulada de Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) romance no qual o autor relata escravidão, as divisões de classes sociais, o cientificismo, o positivismo e filosofia da época. Dom Casmurro, romance publicado em 1899, no qual o protagonista e narrador póstumo é Bento, que relata eventos da mocidade, bem como, seu caso com Capitu e sua relação com o ciúme, temática central do romance.

Como não citar as obras de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (Moscou/Moscovo, 1821 - São Petersburgo, 1881) com o romance Crime e Castigo, publicado em 1866, narrando a história de Raskólnikov, um jovem estudante que se vê perseguido por sua incapacidade de continuar sua vida após cometer um assassinato. Outra obra emblemática é “Os irmãos Karamázovi”, de 1879, onde a narrativa do romance nos leva a estória conturbada de uma família (o patriarca Fiódor Pavlovitch Karamázov e seus três filhos, Dmitri Fiodorovitch Karamázov, Ivan e Aliêksei Fiodorovitch Karamázov). Obra clássica da literatura mundial, que trata de temas como do embate de pai e filhos – complexo de Édipo, crime, culpa, castigo, existencialismo, cristianismo, ateísmo, racionalismo, sensualismo, dentre outros.

Os textos clássicos de Sigmund Freud (Freiberg in Mähren, 1856 - Londres, 1939) dos livros, A interpretação dos Sonhos (1900) e Além do princípio do prazer (1920) nos quais o autor traz à tona conceitos como a psicanalise, teorias sobre o inconsciente e consciente da mente humana, instintos e ego.

O pequeno príncipe, publicado em 1943, de Antoine de Saint-Exupéry (Lyon, 1900 – litoral sul da França, 1944) é um dos livros mais traduzidos e comentados no mundo e, descreve o narrador, de apenas seis anos de idade, suas aventuras, descobertas e pensamentos.

Sem contar com as poesias clássicas e encantadoras de Fernando Pessoa, Pablo Neruda e Vinícius de Moraes, ou mesmo, os escritos de Clarice Lispector, Gabriel Garcia Márquez e Tólstoi. E isso, só para citar algumas pouquíssimas obras e autores clássicos da literatura mundial, que podem ser descobertas e redescobertas de diferentes formas, tecituras e interpretações com o passar do tempo, mas existem muitos outros exemplos nos diversos gêneros literários conhecidos. Uma infinidade de estilos de escrita e alta qualidade de texto que desafiam o tempo e se conectam com o mundo; uma forma exemplar de representar, contar e ensinar que percorre o tempo; um modelo literário a ser referenciado e seguido por muitos; um padrão textual perfeito e que representa determinada época; opção estética literal, muitas vezes antiga e enriquecedora, que é repassada as gerações futuras; um valor universal de estudo, entretenimento e pensamento sobre a obra tida como

clássica; tudo isso faz uma obra literária clássica e que perdura com o passar das gerações até os dias atuais.

Como a verdadeira e acertada metáfora “Tudo o que não é tradição é plágio”, já dizia Antônio Abujamra (1932-2015), conhecido ator, diretor de teatro e apresentador de programa de televisão. Por isso, aprenda os clássicos e faça algo diferente para criar o novo e original, uma releitura, uma reinterpretação, uma redescoberta, uma resignificação.

DESCOBRIDORES!?

Há muito tempo atrás pessoas ditas descobridores, desbravadores, conquistadores ou exploradores chegaram nas “novas” terras e aportaram suas naus em lugares desconhecidos até então... América, África, Índias, Austrália e regiões da Ásia pouco conhecidas ou exploradas pelos povos europeus. Dezenas de milhares de pessoas que habitam suas terras, vales, rios, florestas e vegetações naturais foram descobertos, conquistados, subjugados, escravizados e explorados pelos “novos” povos, europeus mais fortes e com maior poder militar-bélico. O termo descobridor refere-se àquele que é um explorador de terras longínquas e pouco acessíveis. Desbravador diz respeito à característica de pioneiro daquele que desbrava ou explora. Já, conquistador é referenciado como se referindo, em sua maioria, à soldados, exploradores, aventureiros ou navegadores (por exemplo, espanhóis, portugueses, franceses, holandeses e ingleses) que atravessaram os oceanos, dentre eles, o Oceano Pacífico até as costas da América, África, Ásia, principalmente, entre os séculos XV ao XVIII. O explorador indica aquele que investiga, estuda ou analisa; também se refere à pessoa que percorre regiões desconhecidas ou inóspitas, normalmente em busca de objetos de interesse científico ou econômico, como minérios (ouro, prata, esmeraldas, diamantes...); no sentido figurado, qualifica a pessoa aproveitadora, àquele que abusa da bondade, ingenuidade e dos favores de outrem. Tais substantivos ou adjetivos foram corretamente atribuídos?

Segundo alguns relatos mais aceitos, o navegador Cristóvão Colombo aportou com sua esquadra nas Bahamas em 12 de outubro de 1492, tentando encontrar uma rota comercial alternativa para as Índias. Vasco da Gama, um navegador e explorador português, comandou os primeiros navios a navegar em busca de uma rota comercial marítima da Europa, passando pela África e chegando à Índia, em 1498. Posteriormente, de forma acidental, a esquadra de Pedro Álvares Cabral haveria de fazer o “descobrimento” do Brasil em 22 de abril de 1500. Acidente, casualidade ou destino!?

Em países da África houve sistemática luta e aprisionamento de escravos, em sequência, colonização europeia de diversos países; na Índia e Ásia existiram demasiada exploração de recursos naturais (plantas nativas e especiarias) e riquezas minerais, além de explorar e subjugar o povo daquela região; nos países da América e, dentre esses, o Brasil houve exploração de indígenas, suas riquezas minerais e naturais (pau-brasil e outras madeiras, por exemplo), além disso, posteriormente, houve ocupação humana europeia do “Novo Mundo”, bem como, a descoberta e exploração desordenada das minas de ouro e pedras preciosas, especialmente nos atuais estados de Minas Gerais, Goiás, Pará, Mato Grosso, dentre outros.

O que perdura com o passar das gerações até os dias atuais...

A banda britânica de heavy metal, “Iron Maiden” formada a partir de meados dos anos 1970, homônimo do instrumento medieval de tortura conhecido como a “Dama de ferro”. A banda tem em uma de suas famosas canções “Run to the hills” – Corram para as colinas – composição de Steve Harris, a seguinte letra:

“ White man came across the sea
He brought us pain and misery
He killed our tribes, he killed our creed
He took our game for his own need

We fought him hard, we fought him well
Out on the plains, we gave him hell
But many came, too much for Cree
Oh, will we ever be set free?” (IRON MAIDEN)

Algo, em tradução livre, como:

“O homem branco cruzou o mar
Ele nos trouxe dor e miséria
Ele matou nossas tribos, matou nossas crenças
Eles levaram nossa caça para sua própria necessidade

Nós lutamos duramente (com muito empenho), nós lutamos bem
Nas planícies, nós demos-lhes o inferno
Mas muitos vieram, demais para Cree
Oh, será que algum dia nós estaremos livres?” (IRON MAIDEN)

A música nos traz dizeres a muito esquecidos e pouco pensados e repensados. A dor, doenças, miséria e morte trazidas pelos europeus (portugueses, no Brasil; espanhóis, na América Latina; ingleses e franceses, na América do Norte; franceses, português, espanhóis e britânicos, na África; ingleses, na Índia, Ásia e Oceania - Austrália, principalmente), etc. A destruição sistemática de crenças, costumes e tradições indígenas, bem como, a incorporação de novas religiões europeias. A diminuição de áreas indígenas e criação de reservas criaram uma subsequente diminuição de alimentos tradicionais indígenas, como plantas, frutos e animais (caça), além da incorporação de novos alimentos plantados e criações extensivas, como grãos, cereis e criação de gado. As lutas em prol da liberdade de vida, de crença, cultura ou religião, que acabaram por dizimar um grande número de populações autóctones locais e seus costumes, devido, em sua maioria, pela ganância e sede de poder do homem branco.

Liberdade, como diz o dístico lema em latim "*Libertas quæ sera tamen*" traduzida comumente como "Liberdade ainda que tardia" foi criada pelos Inconfidentes na bandeira da então, Capitânia de Minas Gerais, no final do século XVIII e, posteriormente, mantida para adornar a flâmula do estado republicano de Minas Gerais, já no século XIX. A completa liberdade de vida, crença, cultura, religião e costumes sem influência da cultura europeia, talvez não possa mais ser conseguida. No entanto, uma convivência respeitosa e pacífica, que possa beneficiar e engrandecer a todos seja o mais coerente a se buscar nos dias atuais.

Todavia, a conceituação dos termos descobridores, desbravadores, conquistadores ou exploradores não seja tão importante e, sim, o que pensamos e como agimos com relação aos direitos e deveres da população indígena, africana, imigrantes (europeus fugindo de guerras e holocaustos, como ocorreram no passado; latinoamericanos sem trabalho, casa ou comida, como haitianos, guatemaltecos e venezuelanos; africanos ou populações árabes expulsos por guerras, fome e terrorismo, como na Síria e alguns países do Oriente Médio, além de exilados ocasionados por desastres climáticos) que buscam auxílio, asilo político, recuperar e reconstruir suas vidas e ter a sua terra para viver pacificamente, com esperança de algo melhor. O Brasil e outros países do mundo têm sua responsabilidade com o

conformismo e comodismo perante atrocidades cometidas no passado, especialmente, com as populações indígenas e afrodescendentes, que há muito tempo atrás já viviam em seus países de origem. Bem como, responsabilidade e dever de auxílio político-jurídico, de acolhimento e assistência aos “novos” povos necessitados do mundo.

Como diria a frase atribuída ao filósofo, escritor e crítico francês, Jean-Paul Sartre (1905-1980):

“Primeiro eu procuro, depois eu acho.”

Mas, cuidado com o que pode achar! Grandes descobertas, trazem grandes responsabilidades.

MENTIR OU OMITIR

Mentir considera-se ato ou ação de faltar com a verdade; revelar algo inverídico, irreal ou fictício, fruto da imaginação ou má-intenção; engano propositado (falsidade); história falsa, que engana e/ou ilude (fantasia). Omitir refere-se ao ato de esconder algo ou fato que não se deseja ou pode revelar, falar ou divulgar a alguém. Omitir aponta-se a preterir, esquecer, postergar ou olvidar; refere-se ao deixar de dizer ou fazer, bem como, deixar de lado; não necessariamente é uma mentira.

Dúvida cruel que, vez ou outra na vida, todos estamos sujeitos a ter e a ponderar sobre qual atitude tomar. No meu caso, vivendo a muitos anos com um amigo e tendo grande consideração e respeito pelo mesmo, desde quando nos conhecemos, antes e durante a graduação, vida profissional e pós-graduação, certa vez me vi obrigado a decidir entre uma ou outra alternativa. O pai do meu amigo (também meu grande amigo), bem como, outro estimado amigo em comum a todos, preocupados e interessados na vida e nas atitudes de meu amigo de convívio, não obtendo êxito nas recorrentes investidas e empreitadas à pessoa, preferiram recorrer a mim. Ligações, correio eletrônico, conversas informais nos mais diversos lugares e ocasiões eram propícias a me interpelarem sobre o meu companheiro de casa. Imagine a situação, um grande companheiro de casa, amigo e praticamente um irmão, no qual eu era seu apoio, sua referência e parceiro para todas as horas, sobretudo para conversar e desabafar sobre as alegrias e dificuldades cotidianas, e outros dois amigos, um pai do mesmo amigo de convívio e outro grande amigo em comum, querendo saber as mais diferentes coisas da vida profissional e pessoal, do meu amigo e companheiro de casa. Esses, dois outros amigos no qual o respeito e a gratidão, me impediram de qualquer ato falho ou mentiroso.

Algumas ocasiões, me sentia como em um jogo, no qual, eu no meio, estava sendo jogado de um lado para outro lado, meio perdido e, meus três amigos com visões e pensamentos distintos. Como harmonizar e equilibrar as relações? Algo complexo e difícil

de se fazer. Por isso, resolvi conversar com meu companheiro de casa, informa-lo do ocorrido e dizer que me sentia traindo sua confiança (e dos outros), caso falasse algo (mesmo que não estivesse fazendo nada de mal) e pedi que não me contasse ou informasse de nada comprometedor e, se abrisse comigo numa conversa somente quando precisasse de auxílio ou apoio pessoal ou emocional. Também, não fui capaz de mentir para os outros amigos, mas talvez, omiti ou escondi um ou outro fato, que pudesse desagradar ou de alguma forma prejudicar meu companheiro de convívio e de casa.

É o tipo de situação que me coloca para pensar e refletir com calma nas ações tomadas no passado, tentar aprender com os acertos e erros, além de tentar melhorar nas próximas tomadas de decisões futuras. Será que agi certo ou de maneira justa com meu amigo de convívio em casa? Será que fiz o melhor e disse o que era correto para os meus outros dois amigos, um deles pai desse meu amigo de casa? E se tivesse tomado outras atitudes? Com certeza, tudo seria diferente. Mas, seria a opção acertada? Talvez nunca descubra, no entanto, há que pensar.

Paulo de Tarso (São Paulo para os cristãos, de 5-67 d. C.) em das treze epístolas ou cartas escreveu aos habitantes da cidade de Corinto:

“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”.
(1 Coríntios 6-12, SÃO PAULO).

Faço minhas as suas palavras. Mentir ou omitir, mesmo que em pouquíssimos casos, a mentira pode ser justificada, ou ainda, omitir mesmo que seja por um bom e importante motivo? A franqueza e a verdade no diálogo pode ser a saída em tais ocasiões, sim ou não? Na atualidade, começo a pensar que sim, a verdade parece ser o melhor caminho. E você, o que acha?

BOI EM TERRA ESTRANHA

De ida e vinda, mais idas que vindas, sempre estava de partida para algum local ou alguma viagem devido à compromissos familiares, estudos, trabalho, lazer ou recreação. Minha mãe repleta de sabedoria empírica (popular) e seus chavões ou expressões proverbiais, sempre me impressionavam e intrigavam. Dizia, em tom de alerta: “Cuidado, meu filho! Boi em terra estranha vira vaca.” Será assim mesmo!? Não sei se pelas palavras de atenção e cuidado, sempre me coloquei em estado de alerta, mesmo em situações corriqueiras, visto que, grande parte da vida estava distante de familiares e amigos, sem nenhum apoio e, por vezes, com pouco preparo. Entretanto, com atenção redobrada, bem como, pensamentos e atitudes ponderadas. Ademais, acho que a frase de efeito proferida pela matriarca é, no mínimo, uma questão a ser pensada.

Vale os receios e os apelos de cuidado a quem se tem afeto, carinho e amor? Atitudes impensadas e impetuosas podem nos colocar em situações-problemas? Tendo em conta, que adversidades podem ocorrer com qualquer um, ainda mais com quem vem de outro lugar e não conhece as tradições locais, o que fazer? Com certeza! Agradeço pelas considerações e ensinamentos à respeito do como viver, proferidos pela minha mãe e todos os mais idosos, que alertam e repreendem os jovens sobre os perigos da vida.

O QUE É MEU E O QUE É SEU

Certa vez, alunos antes de uma aula, no corredor da escola, assistiram uma discussão interessante entre um aluno e o professor, este último com o ego bastante exacerbado e descabido. Todos dialogaram energicamente sobre política, primeiramente, depois, economia, demografia, sociologia, educação. Em determinado momento, o aluno reclamando das dificuldades em pagar o ensino privado e as parcelas do curso (integral), dos poucos e quase inexistentes auxílios da escola com relação à custos econômicos, a moradia e a alimentação na cidade universitária, como em quase todas as outras cidades universitárias, com o custo bastante elevado. O aluno disse: “ - Tive que vender carro, gado e outros bens, além de tirar todo o dinheiro da poupança para pagar o curso. Tenho bolsa de estudos, pois ajudo nos trabalhos ou aulas dos professores e, ainda assim, não estou aguentando me manter aqui. Não tenho mais nada que fazer ou vender.” Replicou o professor: “ - Quem tem dinheiro, estuda. Quem não tem, não estuda.” A turma inteira caiu na risada, uns mais que outros, mas todos, todos se divertiram com o espírito tragicômico do professor e a situação do aluno, mesmo que alguns estivessem vivendo a mesma situação. Completou o professor: “ - O que é meu, é meu. O que é seu, se puder ser meu, também o será.” Foi a gota d’água! O aluno ficou inconformado e a turma, eufórica, ovacionou o professor triunfante. Inesquecível! Depois, todos entraram na sala para ter aula, mesmo com vários alunos um pouco dispersos e extasiados com os ditos enérgicos do professor.

Será que somos ou valemos pelo que temos!? Quais são nossos valores? Qual o nosso entendimento de ética ou moral? Qual o papel do professor ou educador, que é um formador de opinião na sociedade? O conflito de ideias pode ser amistoso e respeitoso? E o confronto, justo? A autoridade do professor pode ser confundida com autoritarismo? Qual o posicionamento da sociedade? Esquecemos ou somos instigados a pensar em nós e nos esquecemos das dificuldades dos outros?

Neste mesmo dia, chegando em casa, o aluno conversando com um amigo e colega, finalizou: “ - Vou tomar isso como um estímulo e vou fazer o possível para me tornar melhor, e muito melhor, que o nosso professor. Superar, não só profissionalmente, mas pessoalmente e, claro, respeitosamente.” Não sei se isso tudo realmente aconteceu, mas com o passar do tempo, o aluno agradeceu a lição. Estudou - se formou muito bem - fez graduação, pós-graduação, especialização, mestrado e doutorado; proferiu aulas, cursos e palestras; escreveu e publicou livros, bem como, trabalhos científicos, em português e outras línguas, dentre outras coisas; tentou educar com autoridade e respeito; viver com princípios éticos e morais, especialmente com seus alunos.

Riquezas e bens materiais não devem ser tão importantes que podem denegrir outras virtudes ou qualidades positivas dos seres humanos, como o respeito, ética e moral, boa educação, amizade e justiça. O meu não pode ou deve sobrepor o seu. E sim, o meu (minhas habilidades, qualidades e virtudes) deve se juntar e cooperar com o seu (suas habilidades ou qualidades de destreza ou aptidão, bem como, suas particulares formas de fazer o bem) para sermos mais e melhores, em sociedade, em família e na vida. Haja vista, que o meu deve comungar com o seu, em prol do bem comum. Não o que é meu e o que é seu, mas o que é meu com o seu, em favor do uso individual e coletivo.

A AVE DE MINERVA

A expressão greco-romana amplamente distribuída e discutida, apresentada também pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), em seu livro *Princípios da Filosofia do Direito*, de 1821, difundem a ideia:

“A coruja de Minerva alça vôo somente com o início do crepúsculo”.

A coruja é a ave associada a deusa Minerva (nome romano equivalente a Palas Atena, em grego), deusa da civilização, estratégia, sabedoria, guerra e justiça (filha preferida de Zeus, Senhor dos deuses gregos e, Métis, deusa da prudência, além de primeira esposa de seu pai, Zeus). A coruja, ave símbolo da inteligência, do saber, alerta e vigilância (prudência, diriam uns), apresenta características anatômicas e morfológicas como a possibilidade de girar o pescoço atingindo quase um ângulo de 360º, ampliando o campo de visão, bem como, grande visão à grandes distâncias, aguçada audição, voo silencioso, de temperamento quieto e desconfiado, vigilante e atenta, favorecendo o cuidado (especialmente do macho com as crias após eclosão dos ovos colocados pela fêmea), que a possibilitam sobreviver à ambientes distintos, sobretudo no período noturno. Ave de rapina com hábitos crepusculares à torna exímia caçadora e de farta alimentação, principalmente, daqueles que se aventuram a procurar alimentos na escuridão, como pequenos mamíferos, roedores, morcegos, aranhas e insetos.

O significado da coruja como símbolo está ligada, na maioria das vezes, a clarividência, conhecimento intuitivo e racional, vigilância, prudência e cuidado (“coruja” termo normalmente aplicado aos pais e familiares no zelo pelas crianças), além da sabedoria. Entretanto, em algumas culturas, está associada ao misticismo, mistério, azar, trevas ou morte.

E nós, seres humanos, também alçamos voo no crepúsculo, no entardecer das nossas vidas? Adquirimos inteligência pronunciada, sabedoria, prudência e capacidade de cuidar

dos nossos, com o passar do tempo e a experiência acumulada? Sobrevivemos aos infortúnios da vida com nossas habilidades até aqui, mas por quanto tempo mais? Há que pensar e descobrir!

Na tragédia teatral de William Shakespeare (1564 [ano de batismo]-1616) intitulada de Rei Lear (*King Lear*, em inglês), escrita provavelmente por volta de 1605, aparece no diálogo de Lear e o Bobo, Ato I, cena V, a frase que muito nos desconcerta:

“BOBO - Se tu fosses o meu bobo, tio, eu te daria uma sova por teres ficado
velho antes do tempo.

LEAR - Como assim?

BOBO - Não devias ter envelhecido antes de ficares sábio.

LEAR - Não quero ficar louco, céu bondoso! Mantém-me o juízo; tudo
menos louco!” (SHAKESPEARE, 1605)

Será esse o pior castigo do tempo, envelhecer e sentir os efeitos danosos dos anos, sem ao menos tornar-se sábio? Ou pior, achar-se sábio e não o sê-lo, e ainda, passar por bobo, decrepito e louco? Talvez, esse seja o maior medo, maior até que da própria morte. A finitude dos nossos dias é um fato inexoravelmente claro, mais cedo ou mais tarde. Todavia, os sinais visíveis de decrepitude e falta de razão, falhas de memória e discernimento, lapsos de consciência e lucidez podem tornar esse momento mais difícil e sofrido para todos. Um corpo ativo, funcional, em plena atividade de suas funções físico-químicas, motoras, mecânicas, cognitivas, dinâmicas e intelectuais até o crepúsculo dos nossos dias tem sido uma constante a ser perseguida por gerações. Conseguimos avanços, mas está longe de satisfazer as vontades e necessidades de uma humanidade cada vez com maior média de anos vividos. Qualidade, do alvorecer ao entardecer da vida, pode e deve ser perseguida e conquistada. Não obstante, não esqueça de procurar igualmente e incessantemente a retidão de pensamento, equilíbrio e inteligência emocional diante de questões difíceis, bem como, alcançar a tão sonhada sabedoria.

O florescer e desabrochar da prudência, conhecimento e sabedoria pode acontecer e ser favorecido com o passar do tempo. A poetisa brasileira, nascida na Cidade de Goiás, Cora Coralina (1889-1985) começou a publicar seus livros aos 76 anos de idade, com *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de 1965, ainda que, tenha começado a escrever

na adolescência, lapidando, melhorando e dando forma aos seus contos e poemas, em robusta idade.

A busca por um propósito, um objetivo, um sonho a ser alcançado ou a ser realizado, uma lembrança ou uma marca que o tempo não apaga, vale como suporte para uma longa vida? Cada um tem que encontrar a sua própria resposta para tal indagação. A sabedoria pode estar em encontrar a (s) resposta (s) para isso.

Que a soberana da noite, a coruja, enxergue através da escuridão dos questionamentos e lhe guie atentamente na busca incansável pela informação confiável, conhecimento aplicável, prudência e sabedoria nas decisões cotidianas. Que reflexão, o conhecimento racional e intuitivo possam ser baluartes de uma vida pautada pelo bom-senso, estratégia, ética e justiça.

QUEM BATE À PORTA DO AÇOUGUE

Expressões, ditos, aforismos, provérbios populares ou frases de efeito podem dizer coisas e transmitir ensinamentos de maneira mais simples, divertida e de fácil entendimento, além de serem facilmente assimiladas pelo senso-comum. Uma que aprendi a similar e dizer foi:

“Quem bate à porta do açougue quer linguiça”.

Engraçada e divertida, a forma como me lembro que a escutei pela primeira vez... Estávamos no ano final do ensino fundamental, em plena adolescência, juventude e hormônios no ápice. Algumas vezes, já havia assistido e observado um jovem sendo assediado por uma bonita e charmosa colega de classe, mas, estava ciente de alguns dos verdadeiros interesses da linda e atraente mulher, como atizar, provocar, desafiar e, talvez, se divertir às custas do colega. Em plena sala de aula, destilava suas qualidades e insinuava interesse, dizendo coisas sussurradas ao ouvido e, chegando até ao ponto de arranhar as costas do pretendido. Cansado das investidas e insinuações, resolvido dar um basta e responder à altura (ao contrário da timidez e do caráter reservado, que lhe era característico) ouvi a frase em tom decidido, para desarme da bela:

“Quem bate no açougue quer linguiça”.

Risadas e gargalhadas totais! Após a inesperada intimação e decisão do perseguido, talvez, por vergonha ou falta de convicção da colega, ela se esquivou e deixou o recinto. Alegria geral! Vitória do humor. O acontecido foi tema hilário para várias conversas ao longo das semanas seguintes, até tudo se normalizar e cair no completo esquecimento. Não para mim que guardei na memória o fato humorístico (risos).

Tal expressão, talvez, possa ter diferentes usos e significados como, aquele que vai até você, é porque quer, tem desejo, procura ou necessita de algo. Pode se prestar para os

mais variados contextos e experiências, como no exemplo, ainda que em tom de deboche e brincadeira. Alguns pesquisadores atribuem ao uso do humor e ironia, em conversas e na vida cotidiana, como sinal de inteligência. Não estou afirmando, mas pode servir para levar os acontecimentos inesperados da vida de maneira mais simples, tranquila e divertida.

Fazer uma piada ou uma brincadeira sem fundo preconceituoso ou degradante da situação humana pode ser um jeito tênue de tornar as coisas menos desgastantes, menos penosas e menos estressantes. A auto-ironia ou deboche de si mesmo, desde que com clareza de propósito (bem-pensada e formulada com cuidado) pode ser um jeito fácil de agradar e conquistar um público, seja numa sala ou classe, numa palestra, num curso, numa apresentação ou na sociedade. Dizer algo com ironia ou certo cinismo na retórica pode ser uma forma de tratar de temas ou assuntos difíceis, polêmicos, interessantes e importantes, de maneira a cativar a atenção do ouvinte e ou levá-lo a refletir sobre outra perspectiva, de um jeito novo e diferente. O riso pode ser bom politicamente e tornar leve a convivência em sociedade. Também, pode ser uma maneira de afirmar suas convicções e opiniões, lutar por seus direitos político-sociais, expressar sentimentos e atitudes, com uma marca própria e inconfundível. Pense nisso!

EXCESSO

Quanto mais... Eu pense,
Quanto mais... Eu sinta,
Quanto mais... Eu viva,
Quanto mais... quanto mais...quanto mais,
Quanto mais... excesso...
Quanto mais eu quero!

(Em conversa com Alberto Caeiro, heterônimo criado por Fernando Pessoa, 1888-1935)

“O que não tem limites, não existe.”

Existe, não existe, existe, não existe...

Existe, não existe, existe, não existe...

Aff...!

DITADOS LATINOS

O escritor e poeta grego Horácio (65 a. C. - 8 a. C.) publicou nas suas *Odes*, as tão citadas e faladas palavras “*Carpe diem.*” No entanto, aproveite, disfrute e utilize o dia com equilíbrio, reflexão e atuação de maneira a utilizá-lo do melhor jeito possível. Desta maneira, “*Tempus fugite, carpe diem.*” (O tempo voa, aproveite o dia). Contudo, lembre-se: “*Memento mori.*” (Lembre-se da morte.) Viva uma vida além de extensa, intensa. Que não seja fútil, inútil, vazia e desprovida de amor.

MORRER...

O problema não é morrer.

O problema é não viver,

Não ter vivido a infância,

Não ter jogado futebol de rua,

Jogado peteca, fubeca, batido figurinha.

O problema é não ter vivido,

Vivido os amores e desamores da adolescência,

A intransigência e desobediência das coisas simples e belas.

O problema é não ter vivido,

Não ter vivido,

Não ter aproveitado,

Não ter transformado,

Os amigos, as pessoas, a vida.

Não ter estudado, formado e aprendido.

Não ter enfrentado e criado coisas novas.

O problema é...

O problema é não é morrer.

É ter medo de morrer e não viver.

Não viver as belezas da vida,
Os lugares, a história, a comida, as pessoas...
Tantas vitórias e paixões, decepções...
E ter aprendido com elas,
Ter aprendido e vivido.

“A vida é muito curta para ser pequena.”, disse Benjamim Disraeli (1804-1881), político conservador e primeiro ministro da Rainha Vitória, na Inglaterra. O importante não quanto é a extensa, mas o quanto é intensa. Viva com intensidade e aproveite sua vida. Faça o bem, seja amigo, fraterno, caridoso e amoroso, pois é isso que as pessoas irão lembrar depois que você se for.

Diz o ditado latino, há muito conhecido:

“Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.”
“Em verdade sois homem, sois pó e ao pó haveis de voltar.”

Ao pó haveis de voltar... Como escreve Carlos Drummond de Andrade (nascido em 1902 e falecido em 1987) “E agora, José?”. E agora, José?

Quando você se for e eu também, “passar dessa para a melhor”, diriam uns. Melhor, será? Seria bom que lembrassem e escrevesse na lápide (parafrazeando Clarice Lispector, 1920-1977):

“Se eu fosse eu,”
eu não estaria aqui. (risos)

MEU SENHOR E MEU DEUS

Meu Senhor e meu Deus,
Perdoe essas mau-traçadas linhas,
Perdoe os pecados meus,
Minhas faltas, meu egoísmo e vida mesquinha,
Minha falta de compaixão, solidariedade e amor.

Peço por mim, pois não sou digno de pedir pelos demais,
Sou tão mesquinho, ganancioso e mal por demais.

Contudo, se compaixão e amor Vos sobrar,
Abençoe, guarde, rege e ilumine
O pobre, o doente e o humilde...

Perdoe e redima nossas faltas,
Console os aflitos
E ampare os que mais necessitam.
Obrigado pelo dia e pela vida!
Agradeço pelo apoio,
Pelo entendimento
E pelo discernimento
De que somos falhos e que, benção,
Somente na sua gloria encontramos redenção.
Arrependo-me de muita maledicência
E me redimo no Teu amor e benevolência.

Meu Deus...

abençoe e ilumine a minha cabeça
pra que eu tome as decisões corretas,
na hora certa.

O Senhor é meu pastor

E nada me faltará

Me abençoe e guarde

Perdoe meus pecados

E não me abandone.

Amém.

TÁBUA BIBLIOGRÁFICA

Nasceu no município de Caldas, região da Serra da Mantiqueira, Sul de Minas Gerais, Brasil, aos 30 de janeiro de 1985, João Paulo Tadeu Dias. Educado na escola pública, grande parte da vida e, a esta, se dedicou com esmero, capricho e paciência. Formou-se em técnico agrícola, em Espírito Santo do Pinhal-SP. Graduiu-se em Engenharia Agrônoma, no município de Machado-MG. Pós-graduado em Educação Ambiental e Sustentabilidade (Jaboticabal-SP), além de Mestrado e Doutorado em Agronomia, pela UNESP de Botucatu-SP. Atua durante anos como professor em cursos superiores de graduação. Autor de artigos científicos, textos técnicos e livros, dentre esses, o livro “Ideias filosóficas”, editora Navegando Publicações, de 2019.

RECORTES FILOSÓFICOS

Recortes designam o ato de cortar novamente, bem como, cortar seguindo o contorno de um desenho, um entorno, uma vida, de muitas vidas. Em cada vida, estórias, experiências, pensamentos, ideias, reflexões. A filosofia, atributo humano de quem estuda as reflexões e as razões do existir, que visa conhecer e entender a realidade e a vida, bem como, suas particularidades.

